

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED

ANA KAROLINA SILVA

**NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE HUMANIZAÇÃO E AFETO DE UMA
PROFISSIONAL DE APOIO ESCOLAR**

Uberlândia – MG

2025

ANA KAROLINA SILVA

**NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE HUMANIZAÇÃO E AFETO DE UMA
PROFISSIONAL DE APOIO ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Educação em Ciências e Matemática.

Orientadora: Prof. Dra. Daniela Franco Carvalho

Uberlândia – MG

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S586 2025	<p>Silva, Ana Karolina, 1986-</p> <p>NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE HUMANIZAÇÃO E AFETO DE UMA PROFISSIONAL DE APOIO ESCOLAR [recurso eletrônico] / Ana Karolina Silva. - 2025.</p> <p>Orientadora: DANIELA FRANCO CARVALHO. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Educação. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.170 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Educação. I. CARVALHO, DANIELA FRANCO, 1974-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós- graduação em Educação. III. Título.</p> <p>CDU: 37</p>
--------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 11/2025/926, PPGED				
Data:	Vinte e sete de fevereiro de dois mil e vinte e cinco	Hora de início:	09:30	Hora de encerramento:	11:15
Matrícula do Discente:	12312EDU002				
Nome do Discente:	ANA KAROLINA SILVA				
Título do Trabalho:	"Narrativas autobiográficas de humanização e afeto de uma profissional de apoio escolar"				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	Educação em Ciências e Matemática				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"Amplia: conexões arte-ciência no museu e na escola"				

Reuniu-se, através da sala virtual RNP (<https://conferenciaweb.rnp.br/sala/daniela-franco-carvalho>), da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Caroline Barroncas de Oliveira - UEA; Tiago Amaral Sales - UFU e Daniela Franco Carvalho - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Daniela Franco Carvalho, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Daniela Franco Carvalho, Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/02/2025, às 16:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Caroline Barroncas de Oliveira, Usuário Externo**, em 27/02/2025, às 16:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tiago Amaral Sales, Usuário Externo**, em 27/02/2025, às 17:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6137949** e o código CRC **8BE232EA**.

Dedico este trabalho a Deus, ao Carlos Magno, a minha mãe, Marcely e a minha filha, Ana Julya Oliveira Santos, pelo estímulo, carinho e compreensão

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, à Deus, porque tudo é segundo a vontade e no tempo Dele; por Ele me dar a vida e todos os dias a oportunidade de renascer e poder me esforçar para ser uma pessoa melhor a cada novo dia. E sobretudo por ter me dado condições física, mental e espiritual e a oportunidade de cursar este mestrado na Universidade Federal de Uberlândia.

Ao meu amigo Carlos Magno que com sua paciência e aptidão em informática e tecnologia, fez minha inscrição no mestrado e me auxiliou em todas as etapas durante o mestrado.

À minha filha, Ana Julya Oliveira Santos, que sempre me incentivou, motivou e acolheu quando precisei e constantemente me auxilia imensamente quanto a assuntos tecnológicos e atualidades.

À minha mãe, Marcely Lopes de Oliveira, por ter me dado a vida e feito por mim o que estava ao alcance dela, diante de suas condições e convicções.

Ao Prof. Dr. Leandro de Oliveira Souza, meu primeiro orientador, pela atenção e pelo carinho.

À Profa. Dra Daniela Franco Carvalho que aceitou orientar-me na finalização da minha dissertação com muito carinho e prontidão, me incentivando e disponibilizando-se para me acompanhar na construção e término deste trabalho, principalmente por respeitar minhas limitações e especificidades e me orientar nesta caminhada acadêmica.

A cada professor das disciplinas obrigatórias e eletivas pelos saberes partilhados e por me possibilitarem o acesso a conhecimentos que levarei por toda minha vida profissional e pessoal.

Aos funcionários da secretaria do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, especialmente ao James e ao Ali, que sempre me atenderam com cordialidade e competência.

Enfim, a todos que de alguma maneira estiveram presentes e me ajudaram a trilhar esse caminho.

"Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo" (Freire, 1996, p.51)

RESUMO

Esta dissertação descreve minha trajetória pessoal e profissional como profissional de apoio escolar, destacando um recorte de três meses de trabalho com um adolescente que apresenta múltiplas deficiências em uma escola localizada no município de Uberlândia (MG). O estudo explora as possibilidades e os desafios enfrentados ao longo deste período, ressaltando cinco atividades pedagógicas personalizadas, desenvolvidas especificamente para o aluno. A pesquisa se fundamenta nos aportes teóricos de Paulo Freire, com ênfase em suas reflexões sobre a humanização e o afeto no processo educativo, utilizando uma metodologia narrativa que valoriza a subjetividade e a singularidade da experiência vivida. Este estudo detalha minha história de vida, o trabalho com um educando com múltiplas deficiências, a rotina de um profissional de apoio escolar, as práticas pedagógicas e as estratégias adotadas especificamente para o aluno dessa dissertação. Além disso, aborda as percepções sobre as conquistas alcançadas, tanto no desenvolvimento do aluno quanto no aprimoramento das minhas práticas profissionais. Por meio deste relato, busca-se oferecer uma reflexão sobre o papel do afeto, da personalização e da responsabilidade do ensino de pessoas com necessidades educacionais específicas, contribuindo para o debate sobre práticas inclusivas e humanizadas na educação.

Palavras Chaves: Autobiografia, múltiplas deficiências, escola.

ABSTRACT

This dissertation describes my personal and professional journey as a school support worker, highlighting a three-month period of work with an adolescent with multiple disabilities at a school in the municipality of Uberlândia (MG). The study explores the possibilities and challenges encountered during this period, emphasizing five personalized pedagogical activities developed specifically for the student. The research is grounded in the theoretical contributions of Paulo Freire, focusing on his reflections on humanization and affection in the educational process. A narrative methodology is employed, valuing subjectivity and the uniqueness of lived experiences. This study details my life story, the work with a student with multiple disabilities, the daily routine of a school support professional, the pedagogical practices employed, and the strategies specifically adopted for the student in this dissertation. Furthermore, it examines the perceived achievements, both in the student's development and in the enhancement of my professional practices. Through this account, the aim is to offer a reflection on the role of affection, personalization, and the responsibility of teaching individuals with specific educational needs, contributing to the discussion on inclusive and humanized educational practices.

Keywords: Autobiography, multiple disabilities, school.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACLTA	Apoio à comunicação, linguagem e tecnologia assistiva
AEE	Atendimento Educacional Especializado
CID	Classificação Internacional de Doenças
EAD	Educação a Distância
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ESTES	Escola Técnica de Saúde
PROUNI	Programa Universidade para todos
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TEA	Transtorno do Espectro Autista
TGD	Transtorno Global do Desenvolvimento
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UNIUBE	Universidade de Uberaba

Sumário

1 - PERCURSOS INICIAIS E METODOLÓGICOS	7
2 - MOTIVAÇÕES E INSPIRAÇÕES	11
3 - MEU EDUCANDO	21
4. ROTINA DE TRABALHO.....	25
5 - DESENVOLVIMENTO DO JOÃO	30
6 - PROFISSIONAL DE APOIO ESCOLAR.....	37
7 - HUMANIZAÇÃO, AFETO E DOCÊNCIA	40
8 - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....	46
9 - A RESPONSABILIDADE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS	58

1 - PERCURSOS INICIAIS E METODOLÓGICOS

Inicialmente, confesso que a pesquisa que escrevo foi bastante desafiadora pois, após um ano no curso de mestrado, decidi mudar tanto de orientador quanto de tema. Durante a primeira reunião com minha orientadora ela fez um comentário que foi exatamente o que eu esperava ouvir: "Vamos fazer algo que tenha significado para você". Esse momento foi para mim como se acendesse um refletor no fim do túnel.

A sugestão foi de escrever uma autobiografia e para mim foi extremamente interessante, pois ao perceber a possibilidade de narrar minha própria história, fiquei entusiasmada com a ideia, que me permitiria compartilhar aprendizados valiosos, tanto na esfera pessoal quanto na profissional. Essa oportunidade foi especial, considerando que as trocas de experiências oferecem um caráter único e singular de aprendizagem.

Elaborar uma narrativa autobiográfica revelou-se uma experiência enriquecedora, repleta de encontros significativos, não apenas com minha própria trajetória, mas também com outras pessoas que contribuíram para minha formação.

A jornada foi cheia de desafios, descobertas e momentos de profunda reflexão. A indecisão inicial sobre a escolha do tema prolongou o percurso da pesquisa, mas entender que o tema precisava ser algo que verdadeiramente despertasse minha paixão e emoção foi essencial para que a escrita fluísse de maneira leve e intensa.

Após a definição do meu tema autobiográfico - recorte profissional de apoio escolar - comecei a mergulhar na metodologia da pesquisa narrativa. Para Clandinin e Connely (2011, p.50), “pesquisadores de narrativa - especialmente alunos de pós-graduação que frequentemente aprendem sua prática de pesquisa em comunidades de estudos que dão suporte e conforto a eles - rapidamente aprendem a se defender e a argumentar seus trabalhos em termos de fora da estrutura de suas narrativas de referência”. “As pessoas moldam suas vidas de acordo com as histórias que contam sobre si mesmas em relação ao mundo em que vivem. Essas histórias individuais são simultaneamente sociais, pois refletem um contexto mais amplo e compartilhado.” (Clandinin e Connely, 2011, p.19)

Por meio da utilização da pesquisa narrativa autobiográfica tive a oportunidade de rememorar episódios de constituição do meu ser e da prática pedagógica individualizada que realizei ao longo do meu trabalho. O intuito foi narrar aprendizagens e vivências cotidianas, relembrar e repensar a minha própria prática pessoal e profissional, o que envolveu uma reflexão profunda.

A narrativa se torna um instrumento de imenso valor de aprendizagem para novas experiências, por meio da rememoração dos acertos e dos erros que possam ter ocorrido durante determinadas vivências, e essa pesquisa é sobre isso.

A prática cotidiana da profissão não favorece apenas o desenvolvimento de certezas ‘experenciais’, mas permite também uma avaliação dos outros saberes [disciplinares, curriculares e da formação profissional], através da sua retradução em função das condições limitadoras da experiência. [...] os professores tentam transformar suas relações de exterioridade com os saberes em relações de interioridade com sua própria prática (Tardif, 2010, p. 53-54).

O método de pesquisa escolhido atende às minhas expectativas e se alinha ao propósito desta dissertação, pois remete a compreender tanto o meu percurso de vida quanto o processo de ensino e aprendizagem junto ao meu aluno. A narrativa me permitiu descrever, sob diferentes abordagens, as práticas pedagógicas utilizadas na mediação do sujeito em sua totalidade. Para Creswell (2014, p. 69), as “histórias narrativas falam de experiências individuais e podem lançar luz sobre as identidades dos indivíduos e as imagens que eles têm de si mesmos”.

Nesse sentido, a pesquisa narrativa autobiográfica me auxiliou no processo de compreensão de mim mesma, para que a partir desse encontro eu possa compreender o outro, mais especificamente o educando que narro nesta dissertação, e pontuar como ocorreu a minha mediação de profissional de apoio escolar na construção e desenvolvimento de conhecimentos tanto para mim quanto para o aluno, pois através do meu olhar sobre minha profissão é que pude entender da importância de estudar o educando para atendê-lo genuinamente em suas necessidades sejam elas físicas e/ou cognitivas.

Dentre as múltiplas modalidades de pesquisa, a narrativa é que possibilita maior flexibilidade quanto à redação do relatório. Há relatórios em que se adota uma abordagem clássica, que inclui seções como introdução, revisão da literatura e métodos. Mas também há relatórios em que os autores partem do relato de suas próprias experiências. O que importa, todavia, é que o relato enfatize o caráter narrativo da pesquisa (Gil, 2002, p. 136).

Nessa perspectiva de narrar minha história de vida pessoal, profissional e as experiências praticadas com o educando, percebo que explorar o processo de educação especial inclusiva é fundamental para promover um ambiente de aprendizado mais equitativo e acessível não só para meu discente, mas para todos os alunos com necessidades educacionais especiais. Esse processo envolve não apenas adaptar o currículo e os métodos de ensino para atender às necessidades individuais desse público de alunos, mas também cultivar um espaço acolhedor e respeitoso, onde a diversidade é valorizada e cada aluno tem a oportunidade de desenvolver seu potencial ao máximo.

Por meio dessas práticas inclusivas que realizei com esse educando busco que esse e os demais estudantes, independentemente de suas habilidades ou dificuldades, tenham uma experiência educacional enriquecedora e significativa.

Deste modo, é nesse contexto que o trabalho do profissional de apoio escolar poderá auxiliar tanto na escola quanto na comunidade escolar, e mesmo junto à sociedade quanto a conseguir derrubar as barreiras que atrasam e impedem a devida inclusão social de modo geral.

Ao apontar a minha trajetória por meio da pesquisa narrativa autobiográfica será possível instaurar uma reflexão sobre as práticas utilizadas no ambiente escolar por todos os profissionais, especialmente os de apoio escolar que lidam diretamente com educandos com diversas deficiências.

Na sua dimensão de campo de pesquisa, em consolidação e expansão no Brasil, a pesquisa (auto)biográfica tem se firmado, marcadamente, pela diversidade de entradas e modos singulares adotado nos programas de pós-graduação, em suas linhas e grupos de pesquisa. Essa diversidade vem ampliando princípios teórico-metodológicos para apreender dimensões de formação, condições de trabalho e formação, aspectos relacionados à história da profissão, tendo em vista as fertilidades que vinculam biografia e educação, especialmente no âmbito da formação docente (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011, p.108)

Deste modo, para Passeggi e colaboradores (2011, p.372), a pesquisa autobiográfica no contexto brasileiro tem se destacado pela capacidade de explorar uma gama de abordagens e métodos singulares nos programas de pós-graduação. Essa diversidade tem enriquecido os princípios teórico-metodológicos usados para compreender diversas dimensões relacionadas à formação educacional, às condições de trabalho, à história profissional e a outros aspectos importantes, especialmente no que se refere à formação de professores.

Nóvoa e Finger (2014, p.25) destacam a importância da abordagem biográfica na formação pessoal, enfatizando que é o próprio indivíduo que se forma ao elaborar uma compreensão de seu percurso de vida, visto que a formação pessoal não é algo estático, mas sim um processo contínuo no qual o indivíduo se forma e se reforma ao longo do tempo.

Deste modo, a abordagem autobiográfica reconhece que o indivíduo não é um mero receptor passivo de formação, mas sim um participante ativo e implicado em seu próprio processo formativo, vindo a facilitar que o indivíduo se torne o ator principal de seu processo de formação ao refletir retrospectivamente sobre seu percurso de vida. Isso envolve a interpretação e o sentido que o sujeito atribui às suas experiências vividas.

A pesquisa narrativa autobiográfica me ajudou a encontrar estratégias que permitiram uma apropriação do meu percurso de vida de maneira reflexiva e crítica, possibilitando uma maior autonomia e autodeterminação na descrição do meu processo pessoal e formativo, o que vai ao encontro do apontado por Nóvoa e Finger (2014, p.28) de que a autobiografia não apenas reconhece a importância do contexto pessoal na formação, mas também destaca a capacidade do sujeito de se tornar o principal agente na construção de seu próprio desenvolvimento ao refletir sobre sua história de vida.

Além disso, a pesquisa autobiográfica contribui para uma valorização da história pessoal e profissional das pessoas, principalmente para os educadores, pois reconhece as singularidades e diversidades. Esse reconhecimento é essencial para o desenvolvimento de práticas educacionais inclusivas e sensíveis às necessidades individuais dos estudantes e dos próprios professores. Ao valorizar as trajetórias únicas de cada educador, promove-se um ambiente de aprendizado mais empático e acolhedor, onde as experiências de vida são vistas como recursos valiosos para o processo de ensino e aprendizagem.

Assim, a narrativa autobiográfica me permitiu escrever sobre minhas experiências, expectativas e emoções, quando pude revelar aspectos significativos de quem realmente sou. Ler minha trajetória até aqui trouxe-me uma nova sensibilidade que me ajudou a perceber que, muitas vezes, eu preciso me perdoar porque compreendi que quem me feriu não pode curar minha dor.

Nesse processo, houve várias descobertas e um crescimento espiritual inenarrável. Crescimento este que fez com que eu passasse a usar nas minhas práticas pedagógicas os verbos "empatizar" e o "humanizar" com os educandos, reconhecendo suas individualidades e experiências únicas através de ações. Através da empatia e humanização, fui compreendendo as necessidades peculiares de cada educando, por meio do entendimento profundo das minhas próprias vivências e emoções que se transformou em uma ferramenta poderosa de sensibilidade na minha docência.

No percurso desta dissertação, mergulhei no passado, visitei minhas memórias e fiz considerações profundas com o presente, refletindo sobre os momentos moldaram quem sou hoje. Ao fazer isso, deparei-me com a razão pela qual me dedico imensamente à promoção de uma formação verdadeiramente inclusiva para os educandos com quem tenho a honra de ser educadora. Essas reflexões reforçaram meu compromisso com uma educação que valoriza e acolhe a diversidade, proporcionando aos alunos a oportunidade de aprender e crescer em um ambiente justo e equitativo.

Assim entendo que a pesquisa autobiográfica oferece uma oportunidade única de autoexpressão e autodescoberta permeada pelo desafio de lidar com questões pessoais delicadas. Neste contexto, cada palavra e lembrança assumem um significado profundo da minha vida.

Assim, cada etapa, cada desafio superado e cada descoberta ao longo desta dissertação fazem parte de um processo que conecta um ser humano, repleto de defeitos e qualidades, em suas distintas funções. Compreendendo que a “inclusão é a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós” (Mantoan, 2005, p.14), essas conexões revelam a complexidade e a beleza da jornada de desenvolvimento pessoal e profissional, evidenciando a importância de refletir sobre nossas próprias histórias para promover uma educação mais rica e inclusiva que considera o outro parte de nós mesmos.

2 - MOTIVAÇÕES E INSPIRAÇÕES

Meu nome é Ana Karolina Silva, nascida em Uberlândia (MG), e venho de um contexto de desigualdade social. Sou filha de uma professora e de um pai aposentado, que se divorciaram quando eu ainda era criança. Tenho três irmãos e sou a terceira filha. Aos 38 anos, sou mãe de uma adolescente de 17 anos. Na minha vida, ocupo muitos papéis: sou filha, mãe, assalariada, irmã, amiga, tia e, acima de tudo, sou gente.

Analisar o ser humano e refletir sobre as diversas funções que desempenhamos ao longo da vida é uma jornada fascinante rumo ao autoconhecimento. Com isso em mente, descrevo as funções que assumi nas diferentes fases da minha vida: infância, adolescência e fase adulta. Essas funções, às quais me refiro, estão relacionadas às responsabilidades que assumimos ao exercer certos papéis sociais.

Nasci de parto normal e fui amamentada até o primeiro ano de idade. Comecei a andar sozinha aos 16 meses e, como bebê, era tranquila e serena.



Foto de quando eu tinha um ano - 1987

Esta fotografia é do aniversário de um primo meu, nela eu tinha um ano de idade e embora eu não me recorde deste evento específico, ao contemplar a imagem, fui imersa em uma rememoração de cultura, valores, vestimentas, cortes de cabelo e fisionomias que lembram uma época distante e significativa, tanto na trajetória pessoal quanto na história de uma sociedade e de um país.

Nesse contexto, fui uma criança calma e não precisei de muitas correções por parte de minha mãe. Era uma filha amorosa e engraçada. Meu pai não foi presente e minha mãe teve que se separar dele quando eu tinha quatro anos, por sofrer violência doméstica por parte dele. Não conheci meus avós maternos, pois ambos faleceram antes do meu nascimento, e os avós paternos também não estavam presentes, assim como meu pai. Fui criada apenas pela minha mãe, que era e é, uma mulher divorciada, sozinha e trabalhadora.

Eu gostava de uns vestidos que chamava de vestidos de princesas, um azul e um rosa com branco, e também de sandálias que vinham com umas bonequinhas, e minha mãe me presenteava sempre que podia.



Meu vestido de princesa rosa com branco - 1996

Hoje percebo que um ser humano desempenha várias funções ao longo da vida. Durante minha infância até os 12 anos, uma das minhas funções foi a de irmã. Eu era uma irmã encenqueira, frequentemente brigando com meu irmão e, por vezes, defendendo-o na rua. Além disso, era uma irmã animada, prestativa, competitiva, destemida e corajosa. Minhas duas irmãs mais velhas e eu éramos responsáveis por arrumar a casa simples onde vivíamos, lavar a roupa e preparar o almoço. Todo o trabalho doméstico era realizado por nós para que minha mãe pudesse trabalhar o dia todo e garantir o sustento da casa.

Por outro lado, como estudante do ensino fundamental I e II, sempre fui uma boa aluna e nunca fui reprovada. Aprendi a ler e escrever aos sete anos de idade e lembro até hoje o nome das minhas professoras da primeira e da segunda série: Regina e Nila.

Cursei todo o ensino fundamental na mesma escola pública, localizada no bairro onde morava. Eu ia e voltava da escola sozinha, a pé, já que a instituição ficava apenas a quatro quadras de casa.



Foto de umas festas juninas da escola com meu irmão como parceiro da quadrilha - 1997

A função de criança foi a que eu mais gostei. Eu adorava brincar na rua, e minhas brincadeiras preferidas eram bandeirinha estourada e carimbada. Tinha muitos amigos, tanto da escola quanto da vizinhança onde morava. Vivíamos em um bairro periférico de Uberlândia, com ruas ainda de terra, e eu brincava até tarde da noite. Ganhei minha primeira bicicleta aos oito anos, presente da minha mãe, e andava com ela pelas ruas do bairro. Hoje, ao recordar minha infância, percebo o quanto foi maravilhoso viver aquelas experiências únicas.

Destaco que sempre convivi com estigmas que me acompanharam em todas as etapas de meu desenvolvimento escolar, profissional e pessoal por ser disfêmica. A disfemia é um distúrbio neurobiológico que afeta a fala, popularmente conhecida como gagueira. Essa disfunção é caracterizada pela repetição de sons e sílabas. A “gagueira” não afeta o cognitivo dos indivíduos e por isso não é considerada deficiência. Nesse contexto, acredito que minhas motivações e inspirações pela profissão tenha relação com a minha história de vida.

A adolescência, que abrangeu dos 13 aos 18 anos, foi o período mais crítico da minha vida, e acredito que, para muitas pessoas, a adolescência é uma fase particularmente desafiadora. Durante essa fase, eu também desempenhei diversas funções. Começo pela função de estudante do ensino médio: fiz o primeiro ano do ensino médio na Escola Estadual Messias Pedreiro, no turno da noite, e os segundo e terceiro anos no período matutino, na mesma escola.

Três anos em que tudo era novo e desconhecido. A transição do ensino fundamental para o ensino médio é marcante, trazendo à tona questionamentos sobre nós mesmos e o medo do futuro.

Nessa escola, eu não tinha muitos amigos. O primeiro ano do ensino médio, que cursei à noite, parecia como se eu estivesse em uma sala de língua estrangeira. Na disciplina de matemática, o conteúdo sobre logaritmos e matrizes parecia grego para mim, e eu tirava zero em muitas provas. Na disciplina de física, lembro que precisávamos decorar várias fórmulas, que hoje não me recordo de nenhuma. Por outro lado, o conteúdo de genética na disciplina de biologia, especialmente o conceito de Azão e Azinho (Aa), me cativou. Em português, a análise sintática era um verdadeiro desafio, com todos aqueles tipos de sujeito e variações de "porquê". Apesar das dificuldades, consegui concluir essa fase da vida com esforço.

Além disso, durante a adolescência, comecei a desempenhar uma função importante: a de tia. Quando eu tinha 13 anos, nasceu meu primeiro sobrinho, filho da minha irmã mais velha. Nos anos seguintes, tive mais uma sobrinha dessa mesma irmã e dois sobrinhos da minha outra irmã. Assim, quando eu tinha 18 anos, era tia de quatro sobrinhos.



Foto com meu sobrinho - 2000

Ainda na adolescência, comecei a namorar e mantive um relacionamento com o mesmo rapaz por cinco anos. Nesse período, eu desempenhei várias funções: filha, irmã, estudante, tia, namorada e, claro, adolescente. Aos dezoito anos, finalizei a adolescência, mas não dei continuidade aos estudos.

Ao chegar à fase de jovem adulta, as coisas mudaram significativamente. Aos 18 anos, terminei meu primeiro namoro e, pouco depois, conheci outro homem. Após um ano de relacionamento, nos casamos em uma celebração simples, apesar da oposição de nossos pais, especialmente da minha mãe. Nos mudamos para uma casa que ele possuía e que estava alugada, pedindo aos inquilinos que saíssem para que pudéssemos construir nossa família. Nesse mesmo ano, consegui meu primeiro emprego como agente comunitário de saúde em um posto de saúde a cerca de dois quilômetros de nossa casa. Eu fazia o trajeto a pé todos os dias.



Foto do meu casamento - 2006

Após um mês de casada, descobri que estava grávida. Quando atingi os três meses de gestação, fui fazer um exame de ultrassonografia para verificar o estado do bebê. O resultado foi devastador: o coração do bebê não batia, e o feto estava morto. Fui, então, encaminhada para um procedimento médico para induzir o aborto e realizar uma curetagem.

Aos vinte anos, engravidei novamente e, após nove meses, nasceu minha filha Ana Julya, minha única filha viva, que atualmente tem 17 anos. A gravidez foi tranquila, e engordei 18 quilos durante a gestação. Após o período de resguardo, passei duas horas por dia, todos os dias, na academia para retornar ao meu peso anterior. Lembro que trabalhei normalmente até um dia antes do nascimento dela, que ocorreu por meio de uma cesariana eletiva.

Ana Julya não foi planejada, mas foi muito desejada e imensamente amada desde que soubemos de sua concepção. Quando descobri que seria mãe de uma menina, senti-me realizada e feliz. Ela nasceu com 2,6 quilos e 46 centímetros, mas teve icterícia e precisou ficar internada por três dias no banho de luz. Dar à luz e sair do hospital sem um bebê nos braços é como tomar banho e não lavar os pés.



Foto da minha gravidez e da Ana Julya com um mês - 2006/2007

De todas as funções que um ser humano pode ter, a de mãe é a mais importante e exige mais responsabilidade. Ser mãe significa ser exemplo, mesmo sem se sentir exemplar, e requer equilíbrio mental e físico, mesmo quando tudo parece estar em completo desequilíbrio.



Eu e minha filha em diversos momentos de nossas vidas 2007-2024

Neste momento da dissertação, inicio a narrativa sobre meu percurso acadêmico. Pedi demissão do serviço onde exercia a função de agente comunitário de saúde, pois passei no processo seletivo da ESTES/UFU (Escola Técnica de Saúde) para cursar o Técnico em Enfermagem. Concluí o curso em 2010. Durante um ano e meio, atuei em estágio remunerado no Hospital de Clínicas de Uberlândia, especificamente na Cirúrgica III, onde lidava com pacientes com problemas cardíacos. Esses dois anos de curso técnico foram muito importantes para mim, pois me permitiram perceber a fragilidade do corpo humano e como a enfermidade pode atingir qualquer pessoa, independentemente de raça, gênero, status ou situação financeira.

Após a conclusão do curso técnico em enfermagem, atuei na UAI (Unidade de Atendimento Integrada) do bairro São Jorge, trabalhando em diversas seções, como enfermaria, sala de vacinação e sala de medicação. Também trabalhei na UTI (Unidade de Terapia Intensiva) do Hospital Municipal de Uberlândia, e assim, atuei na área da saúde por três anos e meio.



Usando uniforme de Técnico em Enfermagem -2011

Seguindo a ordem cronológica da minha história, neste momento, meu marido à época e eu compramos um apartamento no bairro Santa Mônica. Minha função como esposa foi imatura devido às poucas experiências de vida. Nos meus 50% de responsabilidade no casamento, não consegui fazer a "roda girar". Assim, nos separamos após três anos de casados. Hoje, aos 38 anos, decidi que vou permanecer sozinha para sempre.

Escolher ser sozinha foi a melhor decisão da minha vida. Na solitude, descobri coisas que, estando em relacionamentos amorosos, especialmente tóxicos, deixei de perceber. Sou uma pessoa extremamente hiperativa, criativa, prestativa e amorosa. Moldei-me de forma que minha essência se tornou a parte mais valiosa de mim. Aprendi a me amar e a não aceitar menos do que mereço.

Nesse contexto, fiquei morando por um tempo no apartamento que era meu e do meu ex-marido. Durante esse período, decidi trocar de área de atuação profissional, passando da saúde para a educação, devido à jornada de trabalho exaustiva da área da saúde. Observando a carreira da minha mãe, que é professora e atualmente aposentada pelo município de Uberlândia, optei por seguir os mesmos caminhos que ela. Apesar de ser uma profissão trabalhosa, é também importante e motivadora.

Então, realizei a prova do ENEM 2010. Consegui uma bolsa de 100% na mensalidade para o curso de pedagogia e me formei pela UNIUBE (Universidade de Uberaba) em 2015, através do PROUNI (Programa Universidade para Todos).

Essa graduação foi na modalidade EAD, com aulas semipresenciais, um sábado por mês havia um encontro presencial, e o restante da carga horária era remota. A duração do curso foi de quatro anos. O tema do meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) foi: “O professor e seu papel de mediador no processo ensino/aprendizagem.”

No ano de 2016, concluí uma pós-graduação em Educação Especial Inclusiva, com uma carga horária de 360 horas. O tema do meu TCC foi “A importância da Educação Inclusiva.” Para complementar minha formação, me qualifiquei em mais uma pós-graduação, desta vez em Supervisão, Inspeção e Gestão Escolar. Concluí essa especialização em 2018, e na ocasião escolhi como tema do TCC “A contribuição da supervisão no processo ensino-aprendizagem.”

Para atuar como profissional de apoio escolar junto a crianças com deficiência, a Prefeitura de Uberlândia exige a realização de um curso de Cuidador para Apoio ao Aluno com Deficiência nas Escolas, com carga horária de 80 horas. Realizei esse curso online, que é obrigatório para tomar posse nesse cargo público. O curso visa apresentar, de maneira geral, as múltiplas deficiências e promover a educação inclusiva.

Nessa perspectiva, realizei o concurso da Prefeitura de Uberlândia em 2020, fui aprovada para o cargo de profissional de apoio escolar e atualmente atuo em uma escola municipal no período matutino. É sobre essa atuação que descrevo nesta pesquisa autobiográfica. No turno vespertino, presto serviço para a prefeitura como professora do AEE (Atendimento Educacional Especializado).

Ao todo, são dez anos prestando serviços para a Prefeitura de Uberlândia, nos cargos de profissional de apoio escolar, professora do 1º ao 5º ano e professora do AEE. Durante esse período, atuei em diferentes escolas e com estudantes de faixas etárias variadas, devido à natureza temporária dos contratos de serviço. Há três anos, sou efetiva na função de profissional de apoio escolar.

Sendo assim, acredito que tenho buscado a formação e adquirido a experiência necessária que, de alguma forma, se tornaram significativas para o desempenho do meu trabalho. Frequentemente procuro me manter atualizada, buscando qualificação e aperfeiçoamento. Sempre que tenho oportunidade, assisto e participo de palestras, seminários e formações por conta própria, com o objetivo de aprender a trabalhar com os alunos em sala de aula, atendendo às suas necessidades e especificidades.

Em 2020 iniciei o trabalho com crianças com necessidades educacionais especiais. Esse ano foi marcado por experiências valiosas, pois a escola que escolhi tinha muitos alunos nesse contexto, e aproveitei a oportunidade para conhecer cada educando com os quais atuei diretamente, entendendo suas limitações, habilidades e capacidades.

Com atenção, respeito e envolvimento, pude compreender algumas especificidades e necessidades de atendimento, percebendo que, muitas vezes, mesmo com o mesmo laudo médico, há diferenças significativas entre os alunos, pois cada indivíduo é distinto e único. Dessa forma, agreguei as experiências adquiridas na área da saúde, como troca de fralda, alimentação, cuidados com a higiene e feridas, à minha prática de educadora, o que contribuiu para que eu tivesse uma sensibilidade maior ao auxiliar esses educandos tanto no aspecto físico quanto no intelectual.

Depois dessa escola, que foi o marco para eu entender minhas habilidades profissionais, procurei outros horizontes e mergulhei na experiência das descobertas das múltiplas deficiências específicas de cada educando. Estudar a peculiaridade de cada deficiência nesses indivíduos únicos foi enriquecedor, permitindo-me perceber que as metodologias e atividades adaptadas precisam ser ainda mais específicas para cada aluno. Assim, a metodologia deve ser diferente mesmo que a deficiência seja a mesma.

Na busca incessante pelo conhecimento e ao observar meus colegas de trabalho se inserindo em programas de mestrado, surgiu em mim o desejo de embarcar também nessa aventura acadêmica. Decidi, então, fazer a prova de mestrado em 2023 e fui aprovada. Sinto-me imensamente orgulhosa por estar cursando o mestrado em Educação na Universidade Federal de Uberlândia.

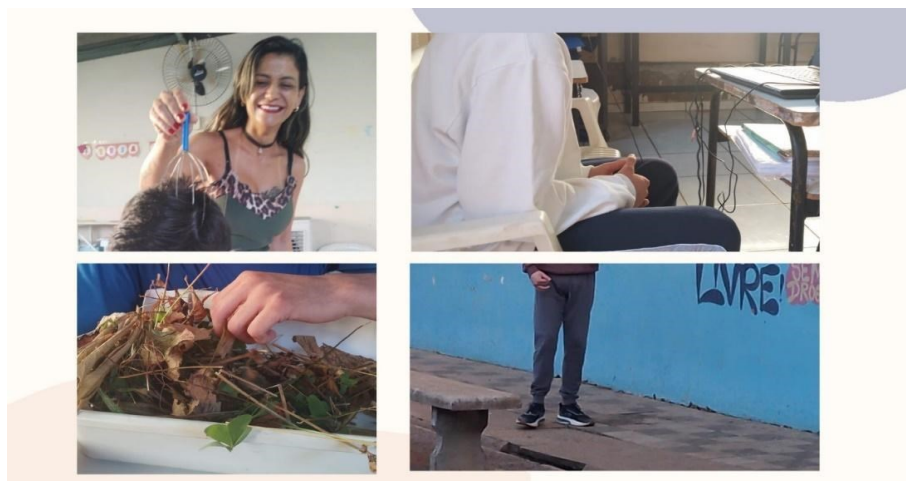
O mestrado representa uma oportunidade para aprimorar e expandir meus conhecimentos e habilidades, além de permitir que eu contribua de forma significativa para a área da educação, especialmente no campo das pesquisas voltadas para as práticas pedagógicas utilizadas para atender alunos com necessidades educacionais especiais.

Levando em consideração minha trajetória, o objetivo deste trabalho foi produzir narrativas acerca das práticas pedagógicas personalizadas que desenvolvi para um educando autista, no período de três meses de atuação como profissional de apoio escolar, tendo como base reflexões teóricas acerca da humanização e do afeto na docência. Assim, apresento com alegria este educando, cujo convívio me proporcionou um crescimento pessoal e profissional profundo.

3 - MEU EDUCANDO¹

Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo. Não faz mal repetir afirmação várias vezes feita neste texto – o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros (Freire, 2021 p.24-25)

Meu educando chama-se João, nome fictício escolhido por mim para preservar sua identidade. Nenhuma imagem que possa comprometer sua privacidade será exposta, respeitando assim a confidencialidade e a lei geral de proteção de dados pessoais (LGPD – nº 13.709/18).



Fotos do meu cotidiano com o João -2024

Essas fotografias permitem visualizar um pouco do trabalho que realizo com o João, que é autista, de baixa visão, não verbal, usa fraldas, tem 15 anos, é de cor branca, possui alta estatura, reside e estuda em Uberlândia.

Minha trajetória profissional soma dez anos de prestação de serviços para a Prefeitura de Uberlândia. Ao longo desse período, tive a oportunidade de trabalhar com diversos alunos, com ou sem deficiência, cada um com suas particularidades e histórias marcantes.

No entanto, escolhi narrar nesta dissertação a experiência com o João, um aluno com múltiplas deficiências, devido ao valioso desafio que foi acompanhá-lo e às significativas aprendizagens que vivenciamos juntos.

¹ Informa-se que houve uma autorização formal por parte dos responsáveis de João, nome fictício criado a fim de preservar a imagem do educando, para a sua participação nesta dissertação.

Ele apresenta comportamento agressivo, é bastante agitado, tem dificuldade em cumprir acordos e possui um apetite significativo, alimentando-se duas vezes durante o recreio. Ele interage com objetos que produzem sons, e não demonstra interesse por aqueles que não emitem qualquer tipo de som. Consegue segurar e manusear objetos de seu interesse, como chocalhos, chaves, celular e pequenas peças que emitem ruídos.

No entanto, sua psicomotricidade é limitada, pois ele não consegue segurar lápis, canetinha, giz de cera, entre outros, e também não é capaz de colorir ou realizar movimentos que exijam coordenação motora fina. Quanto à coordenação motora global, consegue tomar líquidos quando lhe é oferecido um copo e levar a colher à boca na hora da alimentação.

O único movimento que realiza satisfatoriamente é o caminhar; ele não consegue pular corda, pular de um pé só ou com os dois pés, nem brincar de amarelinha, devido às suas limitações motoras e de coordenação. O desenvolvimento cognitivo foi comprometido, pois o João não é alfabetizado e não aprendeu a comunicação alternativa, que neste caso seria o Braille, devido à sua baixa visão.

Fisicamente João não apresenta deficiência, os olhos são estrábicos e seu olhar é vago. Não realiza contato visual nem com adultos nem com seus pares, emite sons, mas sem a possibilidade de identificarmos palavras concretas, ou ao menos definir se são positivos ou negativos diante das suas necessidades.

No tempo que o João permanece na escola ele tem alguns movimentos estereotipados como abrir e fechar portas, dar descarga no vaso sanitário por muito tempo na hora da troca de fralda e higiene oral, sendo difícil a retirada do educando desses lugares para introdução de novos movimentos mesmo que sejam simples.

A família do João é participativa e acolhedora. Ele é frequente na escola e chega sempre limpo, perfumado, cabelo penteado e com fralda trocada. No período compreendido para a elaboração das narrativas dessa dissertação nunca houve episódios desagradáveis em relação à higiene dele na entrada no ambiente escolar.

Dediquei alguns dias para analisar a pasta de documentos do João, que se encontra arquivada na sala do AEE da escola, onde são guardadas todas as pastas dos alunos com deficiências. O laudo médico indica transtorno do espectro autista, associado à diminuição do perímetro cefálico, secundária à prematuridade. Ele está em tratamento homeopático e nutricional, apresentando melhora progressiva.

Além do laudo médico, tive acesso a documentos como: ficha de identificação do aluno, entrevista inicial com a família, horário de atendimento no AEE, avaliação diagnóstica, plano de aula mensal do AEE, plano de atendimento educacional individualizado e o relatório anual do desenvolvimento do aluno. O documento de entrevista com o estudante estava em branco, devido à não verbalização do aluno.

Pelo laudo médico, percebi que o João apresenta várias limitações, o que torna o trabalho pedagógico bastante específico e lento, exigindo paciência, respeito ao seu ritmo, à condição atual e necessidades.

A entrevista inicial com a família é um documento detalhado, pois realiza uma anamnese importante da vida do aluno. Ao lê-la entendi que João foi planejado, que sua mãe realizou o pré-natal e enfrentou um problema na gestação: um descolamento de placenta aos quatro meses. João nasceu de parto normal, mas ficou internado por três meses e 21 dias após o nascimento. Dados importantes nesse documento revelam que João se sentou com um ano e dois meses, engatinhou aos dois anos, e andou aos cinco. Ainda não controla o esfíncter anal e vesical, razão pela qual ainda usa fralda. Não teve e não tem nenhuma doença, mas passou por duas cirurgias: correção da retina aos onze anos de idade e hérnia inguinal aos treze. O acompanhamento médico é contínuo desde a infância até os dias atuais, especialmente com um neurologista.

Na entrevista com a mãe do João obtive informações muito importantes e determinantes para entendê-lo e considerá-lo em sua individualidade e integralidade.

João foi alimentado pela mãe até o primeiro mês de vida, pois não apresentava o movimento de sucção. Após esse período, passou a receber mamadeira com fórmula infantil para lactentes e complementos para auxiliar no ganho de peso. Com o passar do tempo e o desenvolvimento de João, sua mãe identificou que ele é intolerante a glúten e lactose, e, desde então, sua alimentação tornou-se específica.

Atualmente, ele consome diversos tipos de alimentos, mas é necessário oferecê-los na boca. No ambiente escolar, essa tarefa é realizada por mim. Ele se alimenta do lanche oferecido aos outros alunos, e, nos dias em que o lanche contém glúten ou lactose, é preparada uma comida sem esses ingredientes especificamente para ele. Por exemplo, nos dias de macarrão ou pão com carne, é preparada outra alimentação específica como arroz ou sopa de legumes.

João tem um sono satisfatório e, desde pequeno, dorme a noite toda. Faz uso apenas de remédios homeopáticos, não sendo necessário o uso de remédios controlados. Dorme em sua própria cama, no quarto com seu irmão, e não demonstra medo ou insegurança ao deitar-se para dormir. No ambiente escolar, não apresenta necessidade de cochilos.

A linguagem do João é muito limitada. Segundo a entrevista inicial com a família, ele falava algumas palavras até os 2 anos de idade, mas depois parou de falar. Atualmente, é completamente não verbal e só emite sons altos, que não podem ser interpretados como positivos ou negativos diante das atividades e vivências do cotidiano escolar.

João iniciou seus estudos aos 3 anos de idade na educação infantil. Morava em outra localidade e frequentou a escola nessa cidade até os 6 anos de idade. Mudou-se para Uberlândia, onde continua sua atividade escolar visando o desenvolvimento possível. Ele não é um aluno repetente, pois as leis garantem seu processo contínuo e o direito de frequentar os anos escolares de acordo com sua faixa etária, permanecendo dois anos em cada ano de escolarização, conforme estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (Lei nº 12.796 de 04 de abril de 2013):

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.
(...)
II - Terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

O documento “Horário de Atendimento do AEE” demonstra que ele recebe atendimento educacional especializado no contraturno escolar, em dois horários consecutivos às quintas-feiras, das 13h às 14h40.

A “Avaliação Diagnóstica” a partir dos 4 anos de idade, demonstra que João está na fase de desenvolvimento das funções mentais superiores relacionadas à percepção visual, auditiva, gustativa, olfativa, tátil, espacial e temporal. Em relação ao pensamento e à linguagem, João não desenvolve habilidades como oralidade, escrita, memória, raciocínio lógico e outras formas de comunicação.

Nas funções psicomotoras, relacionadas ao esquema corporal, tonicidade, equilíbrio, lateralidade, organização espacial, coordenação motora global, coordenação motora específica e coordenação visomotora, João desenvolve parcialmente algumas dessas habilidades. João desenvolve parcialmente as funções executivas, como autorregulação, memória de trabalho e flexibilidade cognitiva, e está na fase de desenvolvimento dos aspectos socioemocionais.

Os registros do "Plano de Atendimento Educacional Especializado Individual" e do "Relatório Pedagógico Anual sobre o Desenvolvimento do Estudante", mostra que nos atendimentos realizados fora do turno regular, João aceita as atividades propostas, porém é acompanhado pela mãe. No ensino regular, tem resistência às atividades propostas durante as aulas.

Segundo esses documentos, em relação aos aspectos cognitivos, psicomotores, habilidades adaptativas, aspectos socioemocionais e os objetivos específicos que a professora almeja alcançar com esse educando, o desenvolvimento dele é satisfatório.

Portanto, estudar as peculiaridades do indivíduo é essencial para entender a cultura e os valores da família, assim como para compreender as singularidades do educando. João segue em processo de adaptação e evolução, necessitando de acompanhamento contínuo e estratégias pedagógicas específicas para seu pleno desenvolvimento. A partir dos dados obtidos com a documentação do João, percebi que poderia atendê-lo de forma significativa, contribuindo para sua formação e autonomia, para que ele possa participar ativamente na sociedade.

Freire (2021 p. 24-25) afirma que, além do conhecimento relacionado à prática educativa, é necessário considerar o respeito à autonomia do educando, seja criança, jovem ou adulto. O educador deve estar constantemente consciente desse respeito, que também envolve o respeito por si mesmo. Para o autor, o reconhecimento da nossa condição de inconclusão nos torna seres éticos, e o respeito pela autonomia e dignidade de cada indivíduo é visto como um imperativo ético, não como um favor a ser concedido.

4. ROTINA DE TRABALHO

Trabalho de segunda a sexta-feira, cinco horas diárias no período da manhã. À tarde, das 13h às 17h25, trabalho em outra escola, na função de professora contratada pelo município de Uberlândia. Acordo às 5h30, arrumo-me e me desloco para uma escola que fica a aproximadamente 5 quilômetros da minha casa. Início meu trabalho às 6:30, chego na escola e vou adaptar a sala de apoio onde o João fica no período de aula dele. Essa adaptação, envolve algumas especificidades que incluem o preparo de uma jarra com água e copo, encaixe das mesas e colocação sobre elas de recursos pedagógicos de interesse, que foram planejados e elaborados por mim.

Por volta das 7:00 horas aguardo para recepcionar João no portão da escola. Devido às suas limitações é indispensável que eu o acompanhe com exclusividade em todas as suas atividades escolares. Recebo o João com alegria assim que ele sai do transporte escolar.

O João não apresenta resistência para entrar na escola. Ele chega emitindo sons altos e caminhando rapidamente por toda a escola, mas demonstra resistência para entrar na sala de aula regular, por isso não acompanha as aulas das diversas disciplinas do nono ano, ano escolar no qual está matriculado.

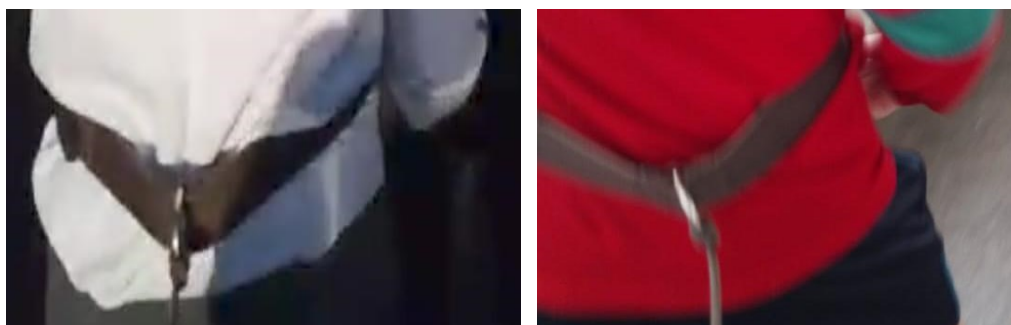
Por ser muitas vezes agressivo e com inúmeras limitações, a direção escolar entende que atender o João em espaço separado e adaptado, bem como um currículo flexível é essencial.

Trabalho e educação são atividades especificamente humanas. Isso significa que, rigorosamente falando, apenas o ser humano trabalha e educa. Assim, a pergunta sobre os fundamentos ontológicos da relação trabalho-educação traz imediatamente à mente a questão: quais são as características do ser humano que lhe permitem realizar as ações de trabalhar e de educar? Ou: o que é que está inscrito no ser do homem que lhe possibilita trabalhar e educar? (Saviani, 2007, p. 152)

Saviani (2007, p. 153) de certa forma expressa que a educação é uma atividade especificamente humana, o que implica que ela não é uma simples transmissão de conhecimentos, mas envolve processos complexos relacionados ao desenvolvimento e à transformação do ser humano. O educador, dentro dessa concepção, não se limita a repassar informações ou conteúdos, mas tem um papel ativo e fundamental no desenvolvimento das potencialidades do educando.

Nessa perspectiva de atender o João com respeito e atenção às suas necessidades, todos os dias, no primeiro horário, ele passeia pela escola conectado a um cinto que nos mantém juntos. João caminha em um ritmo acelerado, exigindo de mim um esforço físico considerável para acompanhá-lo, o que se torna extremamente cansativo. Durante esses passeios, ele sobe e desce a rampa diversas vezes, visita a quadra de esportes e caminha pelo estacionamento da escola.

Enquanto se desloca, João emite sons altos que parecem expressar satisfação e entusiasmo diante do caminhar. Apesar do desgaste físico, compreendo que esses momentos são essenciais para ele, pois proporcionam liberdade de movimento, exploração do ambiente e uma forma de canalizar sua energia, sempre respeitando o seu ritmo e suas preferências.



Fotos do cinto conector-2024

Após esse percurso, João é conduzido à sala de apoio, onde lhe ofereço água e diversas atividades para desenvolver suas habilidades e capacidades. Detalhei cinco dessas atividades no item específico sobre práticas pedagógicas, buscando explicar com riqueza de detalhes esse trabalho desafiador e importante. Por ser um aluno com baixa visão e não verbal, foi necessário criar pranchas de comunicação visual. Essas pranchas são apenas gravuras impressas em tamanho maior para fácil visualização e compreensão, com comandos simples, como: 'hora do lanche', 'hora de troca de fralda', 'atividades na sala de aula', 'atividades lúdicas' e 'hora de ir embora'.



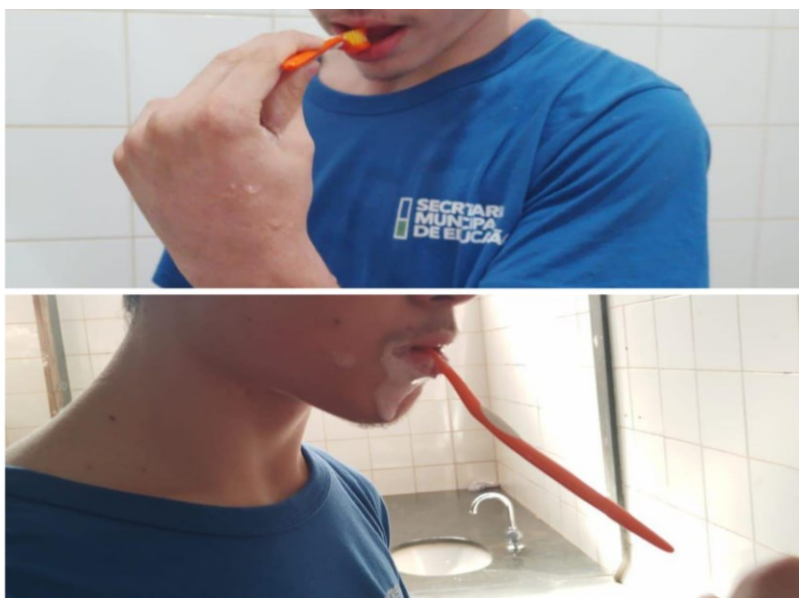
Foto das pranchas de comunicação

A alimentação do João é realizada por mim. Durante o horário do lanche, que é aproximadamente às 9 horas, nos deslocamos juntos ao pátio da escola, sempre conectados pelo cinto, garantindo sua segurança. Preparo o prato de lanche dele, amassando os alimentos para facilitar a ingestão, levando a comida até sua boca. Esse momento exige paciência e cuidado, pois cada etapa é realizada no ritmo do João, respeitando suas limitações. Apesar das dificuldades, encaro essa tarefa como uma oportunidade de estabelecer uma conexão mais próxima com ele, promovendo conforto e confiança durante uma atividade tão essencial.



Foto do momento da alimentação

Às 10h30, realizo a higienização do João, que inclui a troca de sua fralda e a escovação de seus dentes. A higiene oral foi uma prática que eu mesma iniciei, ao perceber a necessidade de atender o João com equidade. Enquanto outros alunos não precisam desse cuidado específico, o João, devido às suas limitações, precisava de apoio nessa área. Ele não consegue realizar o movimento de vai e vem com a escova de dentes, por isso, sou eu quem realiza essa tarefa. Após realizar o movimento, entrego a escova para que ele tente escovar os dentes sozinho, mas ele não executa o movimento de forma satisfatória, apenas segura a escova. Além disso, por ele não conseguir cuspir a água, utilizo uma pasta de dente sem flúor, garantindo sua segurança durante o processo. Essa rotina, além de importante para sua saúde bucal, é também interessante no intuito de desenvolver habilidades motoras incentivando sua participação em atividades diárias de autocuidado.



Fotos do João escovando os dentes

Após a higienização do João, nos deslocamos para a frente da escola para esperar a van escolar buscá-lo. Ressalto que retirar o João do banheiro, onde é feita sua higienização, é uma tarefa trabalhosa. Ele apresenta um movimento estereotipado de apertar a descarga do vaso sanitário com o rosto, o que, aliado ao seu porte físico avantajado e força, torna esse processo desgastante e cansativo.

A estratégia adotada para conduzir o João de um lugar a outro consiste em falar próximo ao seu ouvido, explicando de forma clara e calma o que será feito a seguir, por exemplo, explicando que a hora de ir embora chegou, assim, conseguimos chegar até a frente da escola. Durante o percurso, João apresenta outro movimento estereotipado que é o de segurar os portões da escola que separam a rampa do pátio e o pátio da área frontal. O trabalho de retirá-lo desses comportamentos repetitivos torna-se desgastante e desafiador, pois essa tarefa exige grande esforço físico e paciência para acompanhá-lo até o ponto de embarque da van, quando se encerram as atividades da manhã.

Por diversas vezes, preciso conduzir o João pelo braço para chegarmos aos destinos combinados, tanto devido à baixa visão quanto à sua extrema agitação. Diante desses comportamentos, foi necessário desenvolver estratégias para ajudá-lo a seguir os comandos, aceitar as atividades e concentrar-se por pequenos períodos. Essas estratégias foram elaboradas e estabelecidas como acordos, incluindo caminhar apenas no primeiro horário das 7:00 às 7:50h, com os demais horários dedicados a atividades de alimentação, higienização, coordenação motora fina, concentração, aprimoramento da atenção e acuidade auditiva, além de explorações táteis, olfativas, gustativas e sonoras variadas.

O papel do educador no atendimento educacional especializado é desafiador, mas também profundamente gratificante. Ele exige uma combinação de conhecimento técnico, habilidades interpessoais e empatia. A inclusão de alunos com necessidades especiais no sistema educacional depende da capacidade do educador de personalizar o ensino, promover um ambiente acolhedor e estimular o potencial de cada aluno. Esse trabalho não é apenas pedagógico, mas também humanitário, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos tenham a oportunidade de aprender e se desenvolver.

5 - DESENVOLVIMENTO DO JOÃO

Nosso primeiro contato ocorreu em fevereiro, no início do ano letivo. Na escola onde atuo, os alunos com deficiência são designados aos profissionais de apoio escolar logo no começo do ano. Naquela ocasião, o João foi designado a uma colega de trabalho, enquanto eu fui alocada para o atendimento de alunos com deficiência no sétimo ano, utilizando um sistema de rodízio, devido ao grande número de alunos, mas sem dedicação exclusiva como a que João recebia. Durante as trocas de horário, eu subia e descia a rampa para me deslocar até as turmas do sétimo ano e frequentemente via o João sentado no pátio da escola, acompanhado por sua profissional de apoio. Confesso que achava estranho vê-los passar toda a manhã conectados pelo cinto conector, sem realizar nenhuma atividade pedagógica.

Mantoan (2003, p. 41) destaca que “um professor que engendra e participa da caminhada do saber “com” seus alunos consegue entender melhor as dificuldades e as possibilidades de cada um e provocar a construção do conhecimento com maior adequação”, se referindo à importância de um professor que se envolve ativamente no processo de aprendizado ao lado de seus alunos, entendendo suas dificuldades e potencialidades. A ideia central é que a construção do conhecimento ocorre de forma mais efetiva quando o educador participa da caminhada do saber junto com os alunos, no lugar de apenas transmitir informações de maneira unidirecional. Isso permite que o professor compreenda melhor as necessidades de cada estudante e, conseqüentemente, adapte suas estratégias pedagógicas para promover um aprendizado mais adequado e significativo.

Esse ponto de vista sugere que o processo educativo deve ser colaborativo, em que o profissional de apoio escolar atua como mediador, incentivando o aluno a participar ativamente da construção do seu conhecimento. Ao estar junto dos alunos, o educador pode identificar de forma mais precisa os desafios que eles enfrentam e oferecer suporte necessário para superá-los, ao mesmo tempo em que explora as capacidades de cada um, criando um ambiente de aprendizado mais inclusivo e dinâmico.

Esse envolvimento também implica que o professor não seja um mero transmissor de conteúdos, mas alguém que reconhece e valoriza a singularidade de cada aluno, ajudando-os a se desenvolver de acordo com suas próprias necessidades e ritmos. Portanto, é de suma importância a relação próxima e empática entre professor e aluno no processo educativo, visando a construção de um aprendizado mais adequado e transformador.

Certo dia, o João teve uma crise de agitação e nervosismo, que acabou sendo o ponto de ruptura para a profissional de apoio escolar que o acompanhava desde 2023. Em meio à situação, ela não conseguiu conter as lágrimas e confessou à direção que não aguentava mais acompanhá-lo. Observando a cena, e por já ter vivenciado algo semelhante em outro momento da minha trajetória, decidi me oferecer para assumir o acompanhamento do João. Minha intenção era aliviar a carga emocional da minha colega de trabalho e buscar formas de contribuir para o desenvolvimento do João, utilizando práticas pedagógicas específicas e adaptadas às suas necessidades.

Dessa forma, apresentei-me ao João. No primeiro momento, ele não foi receptivo, empurrou-me e demonstrou sinais de agitação e agressividade. No entanto, após alguns minutos, segurou meu braço e me levou para caminhar pela escola. Como João utiliza o cinto conector que o mantém fisicamente vinculado ao adulto que o acompanha, todo deslocamento que ele realiza pela escola é feito com o acompanhamento constante de um profissional de apoio escolar, que lhe oferece dedicação exclusiva. Em situações em que precisamos nos ausentar, como para atender nossas necessidades fisiológicas, é indispensável que outro profissional de apoio escolar assuma imediatamente a função, pois o João não pode, em hipótese alguma, permanecer desacompanhado, nem mesmo por um minuto.

O mês de fevereiro foi uma adaptação tanto para mim quanto para o João. Nessa jornada cotidiana compreendi as necessidades dele, descobri que apesar de toda sua limitação e laudo médico o aluno entende bem o que lhe é falado, apenas demonstra resistência e gosta que suas vontades sejam feitas. Vivenciar essa experiência foi enriquecedora porque pude perceber a importância do meu trabalho e de me aprofundar nos estudos, tratando-se de mediar não somente o cognitivo, mas o indivíduo em sua totalidade. Pelo fato do educando ser não verbal tenho dificuldade de discernir se os sons que ele emite são positivos ou negativos diante de diferentes situações no ambiente escolar e, por não verbalizar suas vontades e necessidades, o meu trabalho torna-se mais intenso para construir sentidos na convivência.

Por se tratar de um aluno com baixa visão, é fundamental desenvolver as habilidades nas áreas em que ele tem mais facilidade, como as táteis, olfativas e auditivas. Destaco que a audição do aluno é bastante aguçada. Além de compreender o que é dito, ele tem um gosto musical peculiar, preferindo músicas clássicas e sons de instrumentos musicais. Para atender a essas necessidades, comprei um fone de concha para ajudar o aluno a se concentrar melhor nos sons e aprimorar sua experiência auditiva. No entanto, João acabou jogando o fone no chão algumas vezes, o que danificou o aparelho.

A partir de então, passamos a ouvir música em uma caixinha de som, que não oferece o mesmo nível de concentração proporcionado pelo fone, mas foi a alternativa que restou.



Foto do João com fone de ouvido -2024

No mês de março, iniciei o processo de retirada do cinto que me conectava ao João. Senti a necessidade de realizar essa mudança para incentivar o desenvolvimento da autonomia do estudante, pois considero fundamental que ele conquiste independência em seus deslocamentos e interações no ambiente escolar e se sinta mais confiante, explore o espaço com mais liberdade e desenvolva habilidades sociais e motoras de forma natural.

Ao longo desse processo, mantive acompanhamento próximo para garantir sua segurança e intervir, se necessário, mas sempre respeitando seu tempo e ritmo. Percebi que, sem o cinto, João começou a demonstrar mais curiosidade pelo ambiente e a buscar espontaneamente interações, como quando convida colegas e profissionais para acompanhá-lo em pequenos passeios pela escola. Esse progresso reforça a importância de proporcionar oportunidades que favoreçam sua independência e bem-estar.

Essa transição ocorreu de forma paulatina. Quando iniciei minhas atividades com o João, ele emitia sons altos ao chegar na escola, e eu o acolhia no portão, conectando o cinto para acompanhá-lo pelo ambiente escolar, respeitando seu ritmo acelerado. No entanto, essa conexão causava certo desconforto tanto para ele quanto para mim.

Diante disso, entrei em contato com a família de João para entender como essa questão era conduzida em casa. A responsável informou que ele permanecia sem o cinto no ambiente doméstico e autorizou sua retirada na escola. Após essa conversa, comuniquei à direção escolar minha intenção de remover o cinto conector e relatei a autorização dada pela família.

Assim, o processo de retirada do cinto foi realizado com o consentimento de todas as partes envolvidas, garantindo uma transição segura e respeitosa.

Nos primeiros dias sem o cinto, o processo foi bastante desafiador, pois o aluno estava resistente a aprender a obedecer a regras sem a intervenção do cinto, que funcionava como um objeto de controle sobre suas ações. Sem o cinto, durante o lanche, ele se recusava a sentar e queria ir para a quadra de esportes. Além disso, começou a me empurrar para impor suas vontades.

Por diversas vezes e em diferentes dias, precisei recolocar o cinto devido às atitudes inadequadas do aluno. O processo de retirada total do cinto foi gradativo; em alguns dias, parecia que não haveria progresso. No entanto, continuei insistindo, e no final do mês de março, o aluno havia consolidado o aprendizado e demonstrava um avanço significativo.

A partir de abril, o caminhar de João passou a ser livre. Agora, apenas acompanho de perto seus movimentos, sem o uso do cinto, com o objetivo de mediar qualquer intercorrência que possa surgir. Quando João encontra outros profissionais ou alunos - seja de outras turmas ou até mesmo da sua própria - ele costuma pegar no braço dessas pessoas e gentilmente as convida para acompanhá-lo em nosso passeio pela escola, ainda que por um breve momento. Esse comportamento reflete sua busca por interação e integração no ambiente escolar, tornando o percurso mais leve e natural.

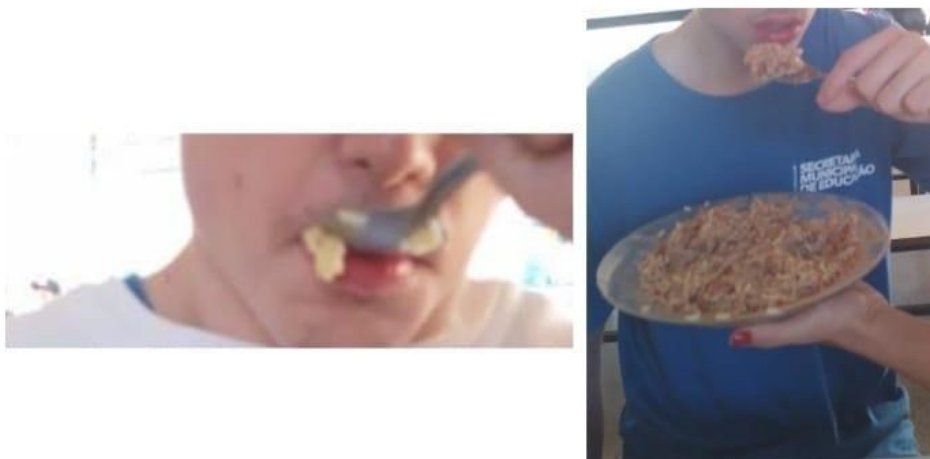




Fotos do caminhar livre- 2024

O trabalho que realizo é de extrema importância, e a necessidade de estudos é constante, uma vez que se trata de um cargo novo e a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ambiente escolar é relativamente recente. Os estudos são fundamentais para a elaboração e adaptação de atividades e avaliações que atendam às especificidades desses estudantes.

Dando continuidade ao processo de desenvolvimento da autonomia de João, senti a necessidade de incentivá-lo a se alimentar sozinho. Para isso, entrei novamente em contato com a família e a direção da escola, solicitando autorização para iniciar esse novo passo. Com o consentimento de todos, comecei a implementar essa prática de forma gradual e tranquila. Atualmente, eu pego a refeição de João, amasso os alimentos quando necessário e entrego a colher em suas mãos. Ele, por sua vez, realiza o movimento de levar a comida até a boca de forma independente, demonstrando avanços significativos em sua autonomia e no desenvolvimento de habilidades motoras. Esse progresso reforça a importância de promover pequenos desafios diários que contribuem para sua evolução e autoconfiança.



João comendo com autonomia e com pouco auxílio- 2024

É importante compreender que, devido às limitações de João, esses pequenos avanços representam conquistas significativas para ele. Atos simples, como caminhar livremente pela escola ou se alimentar sozinho, são marcos valiosos para quem antes não os realizava. Cada progresso, por menor que pareça, reflete seu esforço, dedicação e a importância de um acompanhamento sensível e respeitoso. Essas evoluções não apenas fortalecem sua autonomia, mas também ampliam suas possibilidades de interação e participação no ambiente escolar, contribuindo de forma essencial para seu desenvolvimento integral.

A hidratação de João acontece de forma independente, sempre que entrego o copo para ele. Ele já sabe conduzir o copo até a boca de maneira autônoma. Às vezes, acaba derramando o restante da água sobre a mesa e passa a mão para limpar. Esse tipo de movimento é completamente natural nesse estágio de seu desenvolvimento e faz parte do processo de aprendizagem.

Quando isso ocorre, deixo que ele explore a situação e, após um momento, retiro o copo, limpo a superfície molhada e seguimos para outra atividade. A água é oferecida várias vezes durante o período de permanência de João na escola, garantindo que ele se mantenha hidratado e promovendo ainda mais sua autonomia.



João tomando água com autonomia- 2024

Foram três meses de intensa dedicação para observar e analisar o processo de desenvolvimento de João. Em abril, pude notar avanços significativos no comportamento dele, especialmente ao entrar na escola. João já não emite sons altos, como fazia antes, e agora se encaminha de maneira mais tranquila para os locais que o conduzo, como a sala de apoio escolar. Seu caminhar pela escola ainda é rápido, mas, agora, observo-o de uma distância segura, permitindo-lhe maior liberdade.

Além disso, é notório o desenvolvimento positivo de João, refletindo os avanços em relação ao que foi ensinado. Ele está respondendo de forma mais assertiva a comandos simples, como “vamos trocar a fralda”. Nesse processo, João já demonstra autonomia ao se levantar e me acompanhar até o banheiro, algo que antes exigia mais acompanhamento. Esse progresso mostra a importância de um trabalho contínuo e de um ambiente que favoreça o crescimento gradual de suas habilidades.

Ao longo desse processo, notei uma redução significativa no grau de agitação do João, o que demonstra claramente a eficácia das estratégias adotadas nas atividades de apoio escolar. Atender às suas necessidades específicas, tanto físicas quanto emocionais, foi fundamental para esse avanço. Observar a evolução no desenvolvimento psicológico de João tem sido extremamente emocionante e gratificante. É uma realização profunda saber que minhas ações estão realmente fazendo a diferença em sua jornada de aprendizagem e crescimento.

6 - PROFISSIONAL DE APOIO ESCOLAR

O ofício que atualmente exerço é fundamental para garantir uma genuína inclusão escolar: profissional de apoio escolar. Este profissional atua na sala de aula comum, mediando os conteúdos das diversas disciplinas para promover um ambiente de aprendizagem inclusivo e adaptado às necessidades dos alunos com deficiência. Nesse fazer, os profissionais de apoio escolar, posicionam-se ao lado dos alunos que têm necessidades educacionais especiais e então buscam através do auxílio contribuir para que realizem as atividades.

No Estado de Minas Gerais o profissional de apoio tem seu perfil, atribuições e competências apregoadas pela Resolução SEE/MG nº 4.256/2020. Sua função é descrita no Art. 27 da referida resolução como sendo o Professor de Apoio à Comunicação, Linguagem e Tecnologias Assistivas (ACLTA) com a função de apoiar o processo pedagógico de escolarização do estudante com disfunção neuromotora grave, deficiência múltipla ou Transtorno do Espectro Autista (TEA) matriculado na escola comum. É autorizado 1 (um) professor para até 3 (três) estudantes matriculados no mesmo ano de escolaridade e frequentes na mesma turma.

Essa resolução descreve que a atuação desse profissional ocorre de maneira integrada com o(s) professor(es) responsável(is) pela turma e o docente da sala de recursos, visando facilitar o acesso do aluno à comunicação e ao currículo. Isso é alcançado por meio da adaptação de materiais didático-pedagógicos, emprego de estratégias e utilização de recursos tecnológicos.

A assistência do profissional de apoio à comunicação, linguagem e tecnologia assistiva é recomendada quando o aluno necessita de suporte na comunicação alternativa, envolvendo o uso de tecnologias assistivas e também no auxílio da integração de estudantes com transtornos psiquiátricos que manifestam níveis elevados de auto e heteroagressividade no ambiente escolar. Este profissional tem como meta incentivar a autonomia do estudante.

Por outro lado, no contexto do município de Uberlândia, os requisitos para o provimento do cargo incluem a conclusão do curso técnico de nível médio na modalidade normal ou magistério, licenciatura plena em pedagogia ou normal superior. Além disso, é necessário ter realizado o curso de cuidador, com uma carga horária mínima de 80 horas, voltado para o apoio aos alunos com deficiência nas escolas.

A Lei Municipal nº 11.967, datada de 29 de setembro de 2014, descreve as atribuições do profissional de apoio escolar. Essas responsabilidades envolvem o desenvolvimento e a execução de atividades lúdico-educativas desde a Educação Infantil até o 9º Ano do Ensino Fundamental, tanto no ensino regular quanto na modalidade de educação especial. O profissional deve atuar com base no respeito à dignidade, direitos e nas especificidades sociais, econômicas, culturais, étnicas e religiosas.

Além disso, dentre as atribuições, destacam-se a confecção de recursos materiais para atividades lúdicas, oferta de materiais que estimulem a criatividade e o desenvolvimento intelectual, acompanhamento e orientação da higiene pessoal dos alunos, ensino de hábitos de limpeza e disciplina, resolução de problemas individuais dos alunos, organização e conservação de materiais, preenchimento de formulários de frequência, estímulo ao repouso, auxílio na integração escola-família-comunidade, atendimento em casos de pequenos acidentes e emergências, e organização de materiais relacionados às atividades dos alunos.

O profissional de apoio escolar também deve executar atividades específicas em relação aos alunos com deficiência e/ou transtornos globais do desenvolvimento (TGD), promovendo a acessibilidade aos conteúdos curriculares e atuando de forma articulada com os professores e demais profissionais do contexto escolar.

Ademais, suas responsabilidades incluem a organização de tempos e espaços para as atividades lúdicas, auxílio na organização do material e registro do conteúdo no caderno, mediação do desenvolvimento e aprendizagem para alunos que necessitem de auxílio especial, colaboração com o trabalho em grupo na sala de aula, participação em eventos e cursos de formação continuada, e envolvimento em atividades administrativas, de controle e de apoio referentes à sua área de atuação.

Assim, o profissional de apoio escolar desempenha um papel fundamental na promoção de um ambiente educacional inclusivo, atendendo às necessidades específicas dos alunos e contribuindo para o desenvolvimento integral dos mesmos.

Diante desse paralelo, pode-se analisar que as atribuições e formação do professor de apoio à Comunicação, Linguagem e Tecnologias Assistivas, do Estado de Minas Gerais assemelham com a do cargo de profissional de apoio escolar do município de Uberlândia, a diferença é somente a nomenclatura do cargo, o que remete ao entendimento de que por questões políticas e brechas na lei, o município de Uberlândia adequou uma nomenclatura para que esse profissional tão importante não seja valorizado na medida devida à sua atuação.

Por tudo isso é importante dar atenção e refletirmos sobre a formação desses profissionais, que lidam diretamente com esses educandos com necessidades educacionais especiais sendo necessário uma formação de caráter humanizado e acadêmico específica para o desenvolvimento integral dos estudantes com algum tipo de deficiência.

Precisamos entender que as escolas receptivas e responsivas, isto é, inclusivas, não dependem só e apenas dos seus gestores e educadores, pois as transformações que nela precisam ocorrer, urgentemente, estão intimamente atreladas às políticas públicas em geral e, dentre elas, às políticas sociais (Carvalho, 2005, p.15).

Neste cenário, examinar de maneira crítica a capacitação dos profissionais da educação, considerando-a um dos pilares fundamentais para impulsionar uma política de inclusão escolar eficiente e genuína, conforme preconizado pelo governo federal nos últimos dez anos. Isso se deve ao fato de que essa política de inclusão representa uma mudança em relação ao modelo tradicionalmente adotado no Brasil na área da educação especial, sendo assim é preciso repensar as atribuições e a formação desse novo profissional que atua com esses alunos com deficiência dentro da sala de aula juntamente com o professor regente.

No município de Uberlândia, os professores regentes de cada disciplina são responsáveis por elaborar atividades e avaliações para esses alunos. No entanto, as particularidades desses estudantes são melhor compreendidas pelos profissionais de apoio escolar que os acompanham diariamente. São esses especialistas que elaboram e adaptam atividades e avaliações para os alunos com necessidades educacionais especiais. Essas atividades específicas são essenciais para o processo de ensino-aprendizagem, e a mediação desses profissionais é indispensável nesse contexto.

Nesse contexto, é fundamental destacar a importância do papel do profissional de apoio escolar como um agente de transformação do ambiente educacional. Mais do que simplesmente um auxiliar, percebo-me como um elo essencial na construção de uma educação que seja verdadeiramente inclusiva e equitativa. Trabalhar lado a lado com educadores, famílias e a comunidade é uma responsabilidade que assumo com compromisso e entusiasmo.

Acredito que minha função vai além de oferecer suporte prático aos alunos pois envolve também criar um ambiente onde todos se sintam aceitos e valorizados. Isso implica não apenas adaptar o ensino às necessidades individuais, mas também fomentar um ambiente de respeito mútuo e compreensão das diversas capacidades e potenciais dos estudantes.

7 - HUMANIZAÇÃO, AFETO E DOCÊNCIA

Em revista a obras de Freire, constata-se que a Amorosidade, a Coerência, a Confiança, a Curiosidade, a Decência, a Dialogicidade, o Escutar, a Esperança, a Humildade, o Respeito (ao saber do outro), a Simplicidade e a Tolerância são virtudes imprescindíveis ao educador na perspectiva de uma educação humanizadora. (Ecco; Nogaro, 2014, p. 285)

Ecco e Nogaro (2014, p. 285) nos lembram que a educação humanizadora proposta por Freire não é apenas sobre o conteúdo ensinado, mas sobre as relações que se estabelecem no ambiente educacional. O educador, ao incorporar virtudes como amorosidade, respeito e humildade, cria condições para que a aprendizagem seja não apenas uma aquisição de conhecimento, mas também um processo de transformação pessoal e social. Essas virtudes ajudam a estabelecer um ambiente de ensino inclusivo, acolhedor e ético, essencial para o pleno desenvolvimento dos alunos.

Portanto, explorar a relação entre humanização, afeto e docência segundo a perspectiva de Paulo Freire, um dos mais influentes educadores do século XX, é interessante para compreender como a educação pode ser um processo de transformação social. Freire não apenas revolucionou a prática educativa ao enfatizar a conscientização e a transformação social, mas também destacou a importância do afeto e da humanização no processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, esses conceitos se entrelaçam e impactam na prática docente contemporânea, mais precisamente para destacar a importância da “paixão” pela profissão, que é meu caso enquanto profissional de apoio escolar.

De acordo com Ecco e Nogaro (2014, p. 290), para que os atos pedagógicos promovam a humanização dos indivíduos no contexto educacional, é necessário que o educador não se limite apenas ao conhecimento técnico e à capacidade de transmiti-lo. É essencial que ele reconheça que sua função primordial é lidar com pessoas. Isso implica em compreender profundamente os alunos, planejar e implementar práticas educativas baseadas em valores e princípios que promovam a humanização. Paulo Freire é mencionado como uma figura inspiradora nesse desafio, pois sempre enfatizou a importância de permanecer vigilante contra qualquer forma de desumanização, em todos os momentos e ambientes educacionais.

Nesse sentido de humanização, afeto e docência, entender que essa tríade não é indissociável é importante para que possamos exercer nossa prática profissional e a prática enquanto seres humanos com humanidade genuína, de acordo com o dicionário o conceito de humanidade vai além de sermos apenas seres humanos.

O termo humanidade se refere a um todo da espécie humana, o conjunto formado por “nós” seres humanos, mas não é só isso, humanidade também se refere a atos humanos de compaixão e solidariedade, atos em que nós somos capazes de ajudar o próximo.

Para Paulo Freire (2002, p. 38) ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo. Sendo assim, o ato educativo não é neutro, mas sempre político e transformador. A educação, nesse sentido, vai além da transmissão de conteúdos; ela promove a conscientização crítica, possibilitando que educador e educando atuem como agentes de mudança social. Freire defende que essa prática deve ser dialógica e humanizadora, unindo teoria e prática para transformar tanto o indivíduo quanto a realidade em que ele está inserido.

O humano está no centro do trabalho docente com base na citação de Tardif, Lessard e Lahaye (2007, p. 31) que afirmam: "ensinar é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos e para seres humanos". Essa citação sublinha que a atividade educativa não se limita apenas à transmissão de conhecimento, mas envolve interações profundas e significativas com os alunos como indivíduos. Portanto, o foco principal da docência é o ser humano em todas as suas dimensões, buscando seu desenvolvimento integral e sua preparação para participar ativamente na sociedade.

Quando se pensa em humanização e docência, é possível perpassar o pensamento viajando dentro de um conceito de educação que enfatiza não apenas o aspecto técnico do ensino, mas também a importância de cultivar relações humanas significativas entre educadores e alunos. Isso envolve reconhecer e respeitar a singularidade de cada indivíduo, promovendo um ambiente educacional que valorize não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também o emocional e social dos estudantes. A humanização na docência busca garantir que os processos educacionais não se limitem apenas à transmissão de conhecimentos, mas também contribuam para a formação integral dos alunos como seres humanos conscientes, críticos e participativos na sociedade.

A educação vai além da mera transmissão de conhecimentos; ela deve ser um ato de diálogo, de construção conjunta de saberes e de reconhecimento mútuo da dignidade entre educador e educando. Nesse contexto, a humanização se manifesta como um princípio fundamental, que busca resgatar a essência humana de todos os envolvidos no ambiente educacional, a educação deve ter um diálogo entre educador e educando. Este diálogo é essencial para a humanização, pois reconhece os educandos como sujeitos ativos no processo de aprendizagem, capazes de contribuir com suas experiências e conhecimentos.

Segundo Freire (1994, p. 54), para alcançar a meta de humanização, que não se consegue sem o desaparecimento da opressão desumanizante, é imprescindível a superação das “situações limites” em que os homens se acham quase coisificados. Nesse sentido a educação tem um papel central no processo de humanização, pois é por meio da educação que as pessoas podem desenvolver a consciência crítica, reconhecer sua opressão e se envolver na transformação de sua realidade. Esse movimento de conscientização e ação é essencial para que os indivíduos possam se libertar das "situações limites" e se tornar sujeitos plenos de sua própria história.

Freire (1994, p. 44) argumenta que a existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Essas palavras verdadeiras emergem do diálogo e da reflexão crítica, elementos indispensáveis para a construção de uma realidade mais justa e humanizadora. Assim, o ato de falar não é apenas um meio de expressão, mas também uma prática transformadora que permite aos indivíduos se reconhecerem como sujeitos históricos, capazes de intervir e modificar as condições de opressão que os cercam.

A educação deve ser uma prática da liberdade, onde os educandos se veem como sujeitos históricos capazes de transformar o mundo. Na visão "bancária" da educação, o "saber" é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão: a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (Freire, 1994, p. 33). Nesse modelo, o educador se posiciona como o detentor do saber e o educando como um recipiente vazio a ser preenchido, sem espaço para a construção do conhecimento de forma ativa e crítica. Freire critica esse modelo por sua desumanização e por reforçar a ideia de que o saber é algo a ser transferido, e não uma construção coletiva e dialógica.

Ele propõe, então, uma educação libertadora, que valorize a experiência e o conhecimento dos educandos, e que, por meio do diálogo, possibilite a superação da ignorância e a transformação da realidade.

Nesse contexto, ao observar o desenvolvimento positivo do João, especialmente em relação à sua autonomia, como o fato de caminhar sem o cinto conector e se alimentar de forma independente, percebo uma manifestação concreta de uma educação libertadora. Compreendo profundamente o conceito de dignidade ao ver situações simples, como o largo sorriso do aluno, que reflete sua satisfação em se sentir autônomo e livre. No mês de abril, que foi o marco da sua libertação, é notório que o educando assimilou com entusiasmo o conhecimento.

Ele me acompanha com alegria até o pátio no horário do lanche e demonstra disciplina libertadora ao seguir comandos simples, levantando-se e dirigindo-se de forma independente ao que lhe foi proposto.

Diante de todos esses conceitos de humanização, reflito sobre minha prática pedagógica e percebo a importância de uma humanidade genuína. Meu educando, com suas limitações, requer cuidados que exigem de mim um olhar compassivo e sensível. A necessidade de auxiliá-lo na alimentação e na higienização durante a troca da fralda torna essencial que o atendimento a ele seja acolhedor e atencioso. Essa abordagem não apenas respeita suas limitações, mas também reforça a importância de um cuidado que vai além do técnico, promovendo um ambiente de verdadeira empatia e respeito.

Nessa perspectiva, trabalhar com esse educando trouxe diversos aprendizados que impactaram minha vida pessoal, promovendo crescimento espiritual e levando-me a questionar sobre o universo e o mundo contemporâneo que habitamos. Perguntas como: "Por que há tanta desigualdade social?", "Por que algumas pessoas nascem com deficiências?", "Por que algumas pessoas nascem cegas?" e "Por que há tanta diferença no tratamento de pessoas, mesmo quando consideramos que todos são distintos, mesmo na 'normalidade' conceituada pela sociedade?" têm se tornado mais presentes em minhas reflexões.

Esses questionamentos têm me levado a uma compreensão mais profunda sobre a diversidade e as desigualdades que permeiam nossa sociedade. Ao refletir sobre essas questões, reconheço a importância de promover uma abordagem mais inclusiva e empática em todos os aspectos da vida. A experiência com o João não apenas ampliou minha visão sobre as realidades enfrentadas por pessoas com diferentes necessidades, mas também reforçou a necessidade de uma abordagem mais justa e igualitária. Com isso, aprendi a valorizar cada indivíduo em sua singularidade e a buscar formas de contribuir para um mundo onde todos possam ser respeitados e atendidos em suas necessidades. Essa compreensão não só enriquece meu trabalho, mas também minha jornada pessoal em direção a uma maior conexão com o universo e com a essência humana.

Voltando à questão do afeto, ele desempenha um papel central na pedagogia Freireana. Freire (2002, p. 45) argumenta que é preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnicas.

Ao estabelecer uma relação afetiva, o educador cria um ambiente de confiança e respeito mútuo, fundamentais para a aprendizagem significativa e para o desenvolvimento integral dos estudantes, nesse sentido a educação deve ser uma prática de transformação social, que não se limita a transmitir conteúdos de forma mecânica, mas envolve uma relação humana e afetiva, onde educador e educando constroem juntos o conhecimento. Nesse processo, o afeto se torna essencial, pois é por meio dele que se estabelece a confiança e o compromisso mútuo, permitindo que ambos compartilhem a experiência do aprendizado e se envolvam ativamente na busca pela liberdade e justiça social.

O livro *Pedagogia da Autonomia*, enfatiza que o vínculo afetivo entre educador e educando é fundamental para a construção de um ambiente educacional que promova não apenas a aprendizagem de conteúdos, mas também o desenvolvimento integral dos estudantes. Ele argumenta que o respeito mútuo, a escuta ativa e a empatia são componentes essenciais para uma educação libertadora, onde o diálogo e a troca de experiências são valorizados.

Além disso, Paulo Freire (2002, p. 52) diz que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. A afetividade não é algo periférico ou superficial na relação educativa, mas é um elemento essencial para a construção de um vínculo genuíno entre educador e educando. Ela permite que o processo de ensino-aprendizagem seja mais do que uma troca de conhecimentos, tornando-se um espaço de construção mútua de sentidos e transformações. Ao expressar afeto, o educador demonstra respeito e empatia, essenciais para que os alunos se sintam valorizados e motivados para participar do processo de aprendizagem de forma crítica e reflexiva. Assim, a afetividade se torna uma poderosa ferramenta para humanizar a educação, promovendo uma prática pedagógica que vai além do técnico, alcançando o profundo compromisso com a formação integral dos indivíduos.

O educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações. Decidir é romper e, para isso, é preciso correr o risco. (Freire, 2002, p36.)

Esse exercício de liberdade implica em um constante processo de tomada de decisões conscientes e responsáveis, que não se limitam ao simples ato de escolher, mas envolvem o compromisso com as consequências dessas escolhas, enfatizando assim que a verdadeira liberdade exige coragem, pois implica em desafiar normas, questionar estruturas estabelecidas e, muitas vezes, romper com o status quo.

No contexto educacional, esse exercício de liberdade é fundamental para que os educandos se tornem sujeitos autônomos e críticos, capazes de transformar a realidade em que vivem, promovendo mudanças que busquem a justiça social e a dignidade humana.

Nesse sentido, acompanhar o João e compreender suas peculiaridades foi extremamente gratificante, pois me permitiu entender melhor suas necessidades. Realizar tarefas simples, como cortar as unhas do aluno, e ser recebida por ele de forma acolhedora foi emocionante, especialmente considerando sua resistência inicial ao ser tocado por outras pessoas. Descobrir que o João aprecia o toque suave de uma toalhinha de tecido em seus ouvidos, realizando um movimento de vai e vem, reflete a beleza da afetividade e a importância de um cuidado sensível e atento. Isso ilustra como, ao abraçarmos a afetividade e a compreensão das necessidades individuais de cada educando, podemos promover um ambiente que favorece a liberdade, a confiança e a transformação, alinhando-se com os princípios de uma educação que liberta e humaniza.

Relacionar a tríade Freireana – humanização, afeto e docência – com as práticas pedagógicas que desenvolvi para o João foi essencial, pois permitiu-me não apenas promover o aprendizado acadêmico, mas também garantir o desenvolvimento emocional e social meu e do João. Percebo que ao integrar esses princípios no cotidiano educacional, consigo criar um ambiente de aprendizagem que respeita e valoriza a individualidade de cada estudante, atendendo às suas necessidades de forma mais eficaz.

Ao incorporar a humanização e o afeto em minhas abordagens diárias, percebo que estou contribuindo para fortalecer o vínculo com o João, criando um espaço de confiança e compreensão mútua. A conscientização sobre a importância desses valores tem enriquecido minha prática pedagógica, evidenciando o impacto positivo de uma educação que respeita a liberdade e a dignidade do educando, alinhando-se, assim, com os princípios de uma educação libertadora e transformadora.

8 - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Dentre dezenas de práticas pedagógicas que elaborei para atender especificamente ao João, optei por narrar cinco atividades que despertaram maior interesse nele.

Assim, inicio pela atividade intitulada "Explorando as percepções táteis". Para essa atividade utilizei tampinhas coletadas de garrafas PET e letras feitas de material plástico de diferentes cores.



Foto da atividade "Explorando as percepções táteis"

Apresentei a atividade ao João mostrando as tampinhas e verbalizando as cores de cada uma. Em seguida, mostrei as letras plásticas, dizendo seus nomes e cores correspondentes. Os materiais utilizados foram simples: uma caixa para armazenar as tampinhas e as letras coloridas.

O objetivo principal dessa atividade era estimular a diferenciação tátil das formas dos objetos apresentados. Apesar das múltiplas deficiências de João, a intenção era promover sua sensibilidade tátil para que ele pudesse identificar e distinguir diferentes objetos através do toque. Além disso, por se tratar de objetos concretos, como tampinhas e letras plásticas, o objetivo também era aproveitar ao máximo sua visão residual, incentivando-o a identificar visualmente algumas cores e, eventualmente, separá-las por tonalidade.

Apesar dos meus esforços para atingir o objetivo da atividade, João não demonstrou compreender ou diferenciar as formas dos objetos. O objetivo inicial de trabalhar a percepção tátil e a distinção de cores não foi atingido. No entanto, ele permaneceu manuseando os materiais por um longo período, o que, por si só, revela que a atividade capturou sua atenção e proporcionou um momento de interação com os objetos. Embora não tenha gerado respostas significativas em relação aos objetivos propostos, essa experiência reforça a importância de adaptar continuamente as estratégias para melhor atender às necessidades do João.

A segunda atividade que detalho é intitulada "Explorar texturas macias e ásperas". Para realizá-la, recortei as caixas de ovos uma a uma, criando peças com textura áspera que tivessem volume e tamanho adequados para despertar o interesse do João. Além disso, inseri algodão, representando o elemento macio, como demonstrado na imagem.



Foto da atividade "Explorar texturas macias e ásperas"

Apresentei a atividade ao João mostrando o conteúdo da caixa e explicando o que havia ali: "Aqui tem objetos ásperos e um objeto macio. Você pode me entregar o objeto macio? E o áspero?". A proposta era que ele manuseasse os materiais e, ao ouvir meus comandos, entregasse o objeto correspondente, ajudando-o a compreender os conceitos de áspero e macio.

O objetivo principal dessa atividade era estimular o tato de João e desenvolver sua capacidade de diferenciar texturas, obedecendo aos comandos verbais e associando as características táteis dos objetos apresentados. No entanto, João não demonstrou interesse pelo algodão, o que me levou a retirá-lo da caixa de manuseio, deixando apenas as peças de caixa de ovos recortadas. Apesar disso, ele permaneceu manuseando os objetos por algum tempo, mostrando interesse na manipulação dos materiais. Ainda assim, o objetivo da atividade não foi alcançado.

A terceira atividade que detalho é intitulada "Explorando pedras e conchas". Para essa atividade, utilizei uma combinação de pedras e conchas variadas, como demonstrado na foto abaixo. As pedras foram compradas especialmente para esta proposta, enquanto as conchas foram selecionadas de minha coleção pessoal, adquirida em viagens que realizei para a praia em anos anteriores.



Foto da atividade “Explorando pedras e conchas”

Apresentei a atividade ao João explicando que ele teria a oportunidade de manusear pedras e conchas, explorando diferentes características por meio do tato e da audição. Disse que ele poderia sentir a temperatura e os formatos desses objetos, além de ouvir os sons que surgiam ao manipulá-los. Para envolvê-lo ainda mais, peguei uma concha, coloquei-a no ouvido dele e expliquei o som que ela emitia. Durante a atividade, procurei me comunicar ao máximo com João, narrando os detalhes, como a cor branca das pedras, a quantidade numerosa dos objetos e o contraste entre suas características.

O objetivo principal dessa atividade era que João conseguisse separar os objetos por alguma correspondência que ele identificasse, como forma ou textura, e que ele fosse capaz de entregar o objeto solicitado por mim, além de perceber a diferença de temperatura, especialmente o frio das pedras.

No entanto, João não demonstrou discernimento para seguir os comandos pedidos, limitando-se a manusear as pedras e as conchas. Ele permaneceu um tempo interagindo com os objetos na caixa de manuseio, realizando movimentos repetitivos de vai e vem, mas sem atingir os objetivos propostos de diferenciar as características ou corresponder aos pedidos feitos por mim.

A quarta atividade que detalho é intitulada "Manuseio de materiais escolares". Para essa atividade, utilizei materiais comuns do cotidiano escolar, como lápis, borrachas, pincéis e canetinhas, dispostos em uma caixa de manuseio.



Foto da atividade "Manuseio de materiais escolares"

Apresentei a atividade ao João explicando que ele precisaria manusear os materiais e realizar algumas tarefas relacionadas a eles. O objetivo era que ele fosse capaz de me entregar um lápis ou uma borracha quando solicitado, fazer a correspondência correta entre os materiais, contar a quantidade de lápis e separá-los por classificação, como por cor ou tipo. Durante a atividade, fiz questão de explicar detalhadamente o que ele deveria fazer, destacando as características dos materiais.

O objetivo principal dessa atividade era desenvolver a percepção e a organização de João, ajudando-o a distinguir os objetos, realizar contagens simples e fazer classificações básicas, habilidades que seriam úteis tanto na vida escolar quanto no cotidiano.

No entanto, João não conseguiu realizar as tarefas propostas. Ele limitou-se a manusear os objetos, mas sem executar a correspondência ou a separação de acordo com as instruções. Seu comportamento foi de um movimento repetitivo de vai e vem com os objetos oferecidos, sem atingir os objetivos da atividade.

A quinta atividade que detalho é intitulada "Explorando o tato com folhas, flores, galhos e sementes de árvores". Para esta atividade, a proposta foi fazer com que João explorasse diferentes partes das plantas presentes no ambiente escolar, utilizando o tato como principal canal de percepção.



Foto da atividade "Explorando o tato com folhas, flores, galhos e sementes de árvores"

Iniciei a atividade verbalizando para João que faríamos um passeio pela escola para colher algumas partes de plantas de diferentes espécies. Caminhamos pela horta da escola e pela quadra de esportes, situada em uma área bem arborizada. Tentei incentivar João a colher as partes das plantas, mas sem sucesso. Então, colhi eu mesma algumas partes de plantas, para serem manuseadas na sala de apoio. Na horta colhi alecrim e boldo, amassei-as com as mãos para liberar os aromas e tentei fazer com que ele sentisse o cheiro dessas plantas, mas João rejeitou esse estímulo.

Diante dessa dificuldade, coloquei as partes das plantas que havia colhido em uma caixa de manuseio e conduzi João de volta para a sala de apoio, onde narrei detalhadamente cada parte da planta, destacando as cores e as funções de cada uma.

O objetivo dessa atividade era que João pudesse compreender o conceito das partes das plantas e agrupar essas partes por tipo, cor ou até mesmo contá-las. Além disso, eu procurava orientá-lo a seguir comandos simples, como: "Pegue a flor vermelha"; "Agora, pegue a flor amarela"; "Agora, a folha verde".

No entanto, ele não conseguiu atender aos comandos solicitados. O único movimento que ele demonstrou foi o de vai e vem com os objetos por um longo período, sem a realização das ações esperadas.

Ao aplicar essas atividades com o João, eu pude entender melhor suas preferências e, principalmente, como ele percebe e interage com o mundo ao seu redor. Como se trata de um adolescente com baixa visão, ficou claro que ele aguçou ainda mais sua audição, buscando estímulos sonoros para se conectar com o ambiente. Ele demonstra gostar de manusear peças pequenas que produzem barulho, revelando seu interesse por objetos que geram sons vibrantes e envolventes. Já os objetos grandes e sem som parecem não despertar sua atenção. Esse período foi extremamente valioso, pois me proporcionou uma oportunidade única de observar e estudar as especificidades de um educando com diversas necessidades educacionais especiais, algo que enriqueceu minha prática pedagógica.

Essas atividades foram extremamente interessantes para mim, pois, embora o objetivo inicial não tenha sido completamente alcançado, pude perceber que, ao longo do processo, João teve experiências produtivas e significativas. O tempo e a permanência dele na escola se mostraram proveitosos, pois as atividades não apenas respeitaram suas limitações, mas também propiciaram momentos de descoberta e envolvimento. Mesmo que o desenvolvimento esperado não tenha ocorrido de forma linear, o fato de João ter participado ativamente e se envolvido com os estímulos proporcionados foi, por si só, um grande avanço.

Isso me fez refletir sobre a importância de valorizar o processo, e não apenas os resultados imediatos, pois, no contexto de educandos com necessidades específicas, cada momento vivido na escola tem um valor único para o crescimento pessoal e social.

Ressalto que muitos dos planejamentos iniciais precisaram ser constantemente repensados e replanejados, a fim de adequar as estratégias às realidades e desafios enfrentados pelo João. Essa flexibilidade foi essencial para garantir que as atividades fossem ajustadas de acordo com as necessidades e limitações do meu educando, possibilitando que ele tivesse experiências enriquecedoras dentro do possível. O processo de adaptação contínua dos planos pedagógicos me permitiu identificar novas formas de atuação, promovendo a participação ativa do aluno nas atividades, mesmo quando os objetivos iniciais não eram completamente alcançados. Esse ciclo de reflexão e ajustes constantes demonstrou a importância de um planejamento dinâmico, que respeite o ritmo e as especificidades de cada educando.

Elaborar materiais diferenciados e variados e buscar por práticas pedagógicas individualizadas e significativas tem sido um caminho fundamental para ajudar a construir um sujeito verdadeiramente íntegro, capaz de participar de forma mais plena e significativa em sua própria educação e na sociedade. Na perspectiva de favorecer a autonomia e o desenvolvimento de habilidades e competências de maneira mais eficaz, é crucial adaptar os conteúdos e metodologias, utilizando estratégias que conectem os temas aos interesses do aluno e ofereçam experiências de aprendizado mais envolventes e acessíveis.

Como Paulo Freire enfatiza, a educação deve ser um ato de liberdade, no qual o aluno é sujeito do seu processo de aprendizagem. Ao adotar essa abordagem, consigo promover não apenas o aprendizado acadêmico, mas também o crescimento pessoal e social do aluno, proporcionando-lhe as ferramentas necessárias para se tornar mais autônomo, crítico e participativo, tanto na escola quanto em sua vida cotidiana.

Apesar de não ter alcançado os objetivos que eu esperava, o processo de ensino-aprendizagem com um educando com múltiplas deficiências exige uma compreensão profunda de suas limitações. Relacionando essa experiência à tríade freiriana da humanização, afeto e docência, entendo que como educadora, é minha responsabilidade respeitar as limitações do João e promover uma abordagem pedagógica baseada na empatia, carinho e compreensão. Embora em alguns momentos eu tenha sentido uma sensação de fracasso e desmotivação, não desisti pois João, dentro de suas possibilidades, fez o que estava ao seu alcance. Compreendo que minha missão enquanto educadora é continuar oferecendo o suporte necessário, respeitando suas limitações e buscando proporcionar a ele um ambiente de aprendizado que, acima de tudo, uma aprendizagem humana e amorosa.

9 - A RESPONSABILIDADE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Estamos vivenciando tempos em que as deficiências e limitações são numerosas e, felizmente, cada vez mais as pessoas com deficiência têm tido acesso à escola. Em muitos casos, as deficiências, bem como o conhecimento sobre as possibilidades de atendimento específico e especializado são ainda desconhecidas por muitos profissionais da área da educação.

Nesse contexto, é essencial que todos os envolvidos no processo educativo, desde os diretores, supervisores pedagógicos, professores regentes até os profissionais de apoio escolar, se atualizem constantemente sobre as diversas necessidades educacionais especiais e que participem de formações que contribuam para o desempenho de uma prática que favoreça o desenvolvimento das habilidades e competências possíveis a cada de cada estudante.

A compreensão e a capacidade de realizar as adaptações necessárias às especificidades de cada aluno são essenciais para garantir uma educação inclusiva e de qualidade.

Assim, promover a formação contínua e o compartilhamento de conhecimentos sobre essas ações e entre o coletivo de profissionais que atuam direta ou indiretamente com os alunos é fundamental para que as práticas pedagógicas sejam verdadeiramente eficazes e atendam de forma adequada às necessidades de cada estudante.

Diante das considerações de que há, ou deveria haver, um coletivo envolvido no atendimento aos alunos, na maior parte do tempo, cabe ao professor regente e ao profissional de apoio esse atendimento direto, com as condições que têm e as que criam. Assim, aponto o seguinte questionamento: Quem é realmente responsável pela elaboração e adaptação dos materiais para as práticas pedagógicas adequadas para esses alunos? Seriam os professores regentes, ou os profissionais de apoio escolar que lidam diretamente com esses estudantes no dia a dia? Qual seria a formação necessária: inicial e continuada para os profissionais de apoio escolar, especialmente quando se trata de auxiliar na mediação com crianças que apresentam necessidades educacionais especiais?

É importante refletir sobre quem estaria então capacitado para implementar práticas pedagógicas que atendam às necessidades individuais dos alunos. Acredita-se que a formação continuada, em loco, específica sobre as atualidades e metodologias, bem como os diálogos e troca de experiências entre os diferentes profissionais, poderia ser um conjunto de ações que capacitem e favoreçam tanto a reflexão como a possibilidade de desenvolvimento de uma prática que considerem o sujeito/aluno em sua integralidade, suas necessidades e especificidades.

Nesse sentido, tenho observado que o João não recebe atividades nem avaliações adaptadas pelos professores regentes às suas necessidades específicas. A ausência de um planejamento individualizado, corrobora com a urgência de desenvolver estratégias pedagógicas e recursos que favoreçam sua inclusão efetiva no processo educativo, assegurando que suas necessidades específicas e particularidades sejam realmente atendidas.

Na perspectiva de prestar atendimento que possa contribuir com a permanência do aluno no espaço escolar e que este tenha acesso ao cuidado bem como a construção e desenvolvimento de saberes e habilidades possíveis, elaboro e preparo materiais e estratégias que possam criar condições favoráveis à aprendizagem.

Na prática diária, há documentos e registros realizados sobre a rotina de trabalho, como o preenchimento de um relatório diário que descreve as atividades de higiene, alimentação, comportamento e progresso acadêmico. Este relatório é um formulário específico, fornecido pela escola, no qual são registrados os detalhes da rotina do aluno, incluindo intercorrências e observações quando necessário. O preenchimento do relatório é de minha responsabilidade, garantindo uma documentação precisa e detalhada do desenvolvimento e das necessidades do aluno ao longo do dia.

Cotidianamente, busco dialogar, mesmo que informalmente, com os professores regentes sobre o desenvolvimento do aluno que eu presto atendimento, seja ao final das aulas ou nos corredores da escola. Nessas conversas, sou frequentemente elogiada pelo trabalho bem-sucedido na promoção da autonomia do aluno. No entanto, não houve episódios em que os professores demonstraram interesse em entender a deficiência do educando e em adaptar ou criar atividades específicas de acordo com a disciplina que eles ministram.

A falta de iniciativas para personalizar o material didático ou as avaliações conforme as necessidades do aluno destacam uma lacuna na integração do suporte educacional e na adaptação das práticas pedagógicas, evidenciando a necessidade de uma colaboração e valorização mais eficaz entre os profissionais envolvidos.

É notória a sobrecarga dos professores regentes em relação às suas responsabilidades diárias, com salas superlotadas e uma grande demanda de trabalho. A presença de alunos com necessidades educacionais especiais adiciona uma responsabilidade extra, e em muitos casos, a formação para lidar com esse público é inadequada.

Essa situação evidencia a necessidade urgente de mais suporte e capacitação para os profissionais que lidam com esse público de educando, a fim de garantir atendimento de qualidade, a contemplar as necessidades individuais dos alunos, promovendo um ambiente educacional inclusivo, equitativo e genuíno.

Sendo assim, existe um paralelo na educação especial dentro da perspectiva da educação inclusiva. Por um lado, temos os alunos com necessidades educacionais especiais, que são acompanhados por profissionais de apoio escolar. Por outro lado, é notória a exclusão desses alunos pelos professores regentes, pelos colegas e por outros profissionais da escola por estarem acompanhados por esses profissionais.

É fundamental reconhecer que o aluno com necessidades educacionais especiais faz parte da instituição e é um membro legítimo da turma na qual está matriculado, assim como qualquer outro aluno. Para garantir uma verdadeira inclusão, é essencial adotar uma visão contemporânea e comprometida com a integração plena desses alunos, promovendo um ambiente educativo que respeite e valorize a diversidade.

Constantemente, ouve-se falar de alunos com deficiências e com necessidades educacionais especiais, mas algumas vezes há falta de compreensão do conceito. Existe lei que conceitua e define quem são esses alunos. De acordo com os incisos I a III do Art. 4º da Resolução CNE/CEB n.º 4, de 2 de outubro de 2009, instituiu-se diretrizes operacionais para o atendimento educacional especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial.; compreende-se que:

Art. 4º Para fins destas Diretrizes, considera-se público-alvo do AEE:

I – Alunos com deficiência: aqueles que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, intelectual, mental ou sensorial.

II – Alunos com transtornos globais do desenvolvimento: aqueles que apresentam um quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação ou estereotípias motoras. Incluem-se nessa definição alunos com autismo clássico, síndrome de Asperger, síndrome de Rett, transtorno desintegrativo da infância (psicoses) e transtornos invasivos sem outra especificação.

III – Alunos com altas habilidades/superdotação: aqueles que apresentam um potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas: intelectual, liderança, psicomotora, artes e criatividade.

Na perspectiva de práticas pedagógicas, ressalta-se que, de acordo com os incisos de X a XVII do Art. 28. da Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015, instituiu-se a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), que:

Art. 28. Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar:

X - adoção de práticas pedagógicas inclusivas pelos programas de formação inicial e continuada de professores e oferta de formação continuada para o atendimento educacional especializado;

XI - formação e disponibilização de professores para o atendimento educacional especializado, de tradutores e intérpretes da Libras, de guias intérpretes e de profissionais de apoio;

- XII - oferta de ensino da Libras, do Sistema Braille e de uso de recursos de tecnologia assistiva, de forma a ampliar habilidades funcionais dos estudantes, promovendo sua autonomia e participação;
- XIII - acesso à educação superior e à educação profissional e tecnológica em igualdade de oportunidades e condições com as demais pessoas;
- XIV - inclusão em conteúdos curriculares, em cursos de nível superior e de educação profissional técnica e tecnológica, de temas relacionados à pessoa com deficiência nos respectivos campos de conhecimento;
- XV - acesso da pessoa com deficiência, em igualdade de condições, a jogos e a atividades recreativas, esportivas e de lazer, no sistema escolar;
- XVI - acessibilidade para todos os estudantes, trabalhadores da educação e demais integrantes da comunidade escolar às edificações, aos ambientes e às atividades concernentes a todas as modalidades, etapas e níveis de ensino;
- XVII - oferta de profissionais de apoio escolar;

Sendo assim, contamos com mais uma ferramenta importante para a consolidação da verdadeira inclusão, que é a responsabilidade do poder público em assegurar a adoção de práticas pedagógicas inclusivas e a formação contínua de profissionais para o atendimento educacional especializado das crianças com deficiência. A partir desses princípios, fica evidente que a efetividade da educação inclusiva depende não apenas da criação de políticas e estruturas adequadas, mas também do investimento contínuo na capacitação de professores, profissionais de apoio escolar e de todos os profissionais que atuam nas escolas e depende também de uma visão humanizada sobre esses educandos que precisam desse suporte específico.

Nesse contexto, é essencial que programas de formação inicial e continuada incluam estratégias e metodologias que promovam a inclusão e o suporte necessário para todos os alunos, especialmente aqueles com necessidades educacionais especiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa autobiográfica compartilhei a minha história de vida e um recorte da minha experiência de profissional de apoio escolar e entendo que para que haja uma verdadeira inclusão social e educacional é preciso promover e reconhecer o potencial inerente a todo ser humano em sua maior expressão em suas diferenças, particularidades, individualidades e singularidades.

A conexão entre autobiografia e educação revelou para mim fertilidades significativas, permitindo um elo profundo com a minha trajetória individual e profissional. Ao explorar as influências formativas e as experiências de aprendizado de outras pessoas ao longo da vida, compreendi como esse percurso impactou e impacta minhas práticas pedagógicas.

Isso enriqueceu meu entendimento das complexidades envolvidas na formação docente e promoveu uma visão mais holística e contextualizada das políticas educacionais e das dinâmicas sociais que moldam o campo educacional no Brasil.

Ao narrar e analisar minhas experiências, pude identificar padrões, compreender melhor minhas escolhas e desafios, e assim, construí uma identidade consciente e integrada, isso contribuiu não apenas para meu desenvolvimento pessoal e profissional, mas também para eu enxergar que posso participar mais ativamente na sociedade.

Portanto, o percurso que trilhei para escrever esta dissertação de mestrado foi, sem dúvida, desafiador, mas também profundamente gratificante. Esse trajeto não só contribuiu para meu autoconhecimento e crescimento pessoal, mas também me permitiu compartilhar experiências negativas e positivas com os leitores, com o intuito de trocar vivências.

O propósito da educação inclusiva não deve consistir em uniformizar as pessoas, mas sim em reconhecer, respeitar e apreciar as suas diversidades e valorizá-las, sobretudo oferecendo a todas as pessoas em suas particularidades oportunidades reais de desenvolverem sua plenitude enquanto “indivíduos” e sobretudo pessoas e cidadãos plenos.

Ao percorrer essa narrativa autobiográfica compreendi o quanto aspectos cruciais do meu trabalho são importantes para a inclusão social e educacional do meu educando, respeitando suas diferenças, particularidades, individualidades e singularidades.

Tenho a percepção de que a educação inclusiva não deve tentar uniformizar as pessoas, mas sim reconhecer e valorizar suas diversidades. Isso significa oferecer a todas as pessoas oportunidades reais de desenvolvimento pleno, respeitando suas características únicas. Procurando sobretudo adaptar o ensino a cada indivíduo em conformidade com suas próprias inteligências ao seu modo único e peculiar.

É preciso compreender que o processo de aprendizagem das pessoas com deficiência geralmente ocorre de forma mais lenta e gradativa, o que torna essencial que o educador esteja preparado e qualificado para atender adequadamente o aluno. Nesse contexto, é fundamental que o educador, além de construir materiais adaptativos e desenvolver técnicas de comunicação eficazes, esteja também humanizado e afetivamente envolvido. Somente assim será possível promover uma interação significativa entre professor e aluno, bem como entre os próprios alunos, favorecendo a construção de saberes de maneira inclusiva e respeitosa.

Através da humanidade e da afetividade, valorizando as diferenças é possível contribuir para a formação de uma sociedade mais justa e equitativa, onde todos têm a chance de alcançar seu pleno potencial como indivíduos e cidadãos. Isso envolve não apenas adaptações físicas e curriculares, mas também uma mudança de atitude e cultura dentro das instituições educacionais e na sociedade em geral. Deste modo, torna-se essencial reconhecer e apreciar a diversidade com sendo passos essenciais para construir um sistema educacional verdadeiro.

O profissional de apoio escolar, desempenha um papel crucial no auxílio das atividades e avaliações elaboradas pelos professores regentes para os alunos com deficiência, mas se faz necessário que todo o corpo escolar esteja devidamente preparado para atender às demandas das crianças com necessidades especiais educacionais. É preciso flexibilizar o diálogo com a família, estimular a interação e ampliar a qualidade do convívio escolar em sua devida inserção na comunidade escolar como um todo.

Durante este percurso, pude refletir sobre minha prática e minha visão de uma educação que verdadeiramente acolhe e inclui todos os alunos, sem distinção ou segregação. Acredito firmemente que a inclusão não se limita à presença física dos alunos na sala de aula, mas sim a um compromisso genuíno com o desenvolvimento integral e o bem-estar de cada indivíduo. Visto que um agente de inclusão requer não apenas habilidades técnicas, mas também uma sensibilidade para reconhecer e valorizar as diferentes habilidades e potenciais de cada aluno.

Ao longo de minha prática e experiência sempre procurei buscar constantemente novas estratégias e abordagens que não apenas acolham, mas que também celebrem a diversidade presente em cada educando e em cada ambiente educacional.

Percorrido este estudo, espero ter proporcionado uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados pelos profissionais de apoio escolar, pelos alunos com necessidades especiais e por suas famílias, bem como das barreiras institucionais e sociais que ainda persistem. No entanto, também identifiquei práticas promissoras e experiências positivas que demonstram ser possível construir um ambiente educacional minimamente inclusivo.

Concluo esta dissertação reafirmando meu compromisso com uma educação que seja verdadeiramente inclusiva, que reconheça e celebre as diferenças individuais, e que esteja sempre em evolução para atender às necessidades de todos os alunos. Acredito que, através do diálogo, da formação contínua e do engajamento de todos os atores educacionais, podemos construir um futuro mais justo e igualitário para as gerações futuras.

Desejo que esta dissertação transcenda sua função meramente acadêmica para se tornar um manifesto pessoal e profissional em defesa do direito fundamental de todos os alunos a uma educação de qualidade. Não podemos mais tolerar barreiras que excluem ou segregam estudantes com base em suas diferenças. Ao invés disso, é essencial que a escola se torne um espaço inclusivo, onde cada indivíduo encontre oportunidades para aprender, crescer e se desenvolver plenamente.

Com otimismo, vislumbro um futuro em que cada aluno, independentemente de suas capacidades ou características individuais, possa não apenas participar, mas também prosperar em um ambiente educacional que verdadeiramente valorize a diversidade e promova o potencial de cada um.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo Barreiras para a Aprendizagem**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa Narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Trad. GPNEP-ILEEL-UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ECCO, Idanir; NOGARO, Arnaldo. **Virtudes docentes freireanas: da educação humanizadora**. In: XV Jornadas Trasandinas de Aprendizaje: los vínculos interpersonales en educación y aprendizaje / María Inés Rubi ... [et.al.]. - 1a ed. - La Plata: Trasandinas Libros, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática Educativa**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002c.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994e.

GIL, Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

NÓVOA, António, FINGER, Mathias. **O método (auto) biográfico e a formação**. Trad. Maria Nóvoa. 2 ed. Natal: EDUFRN, 2014.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. **Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização.** Educação em Revista, v. 34, n. 2, p. 369-386, 2011.
<https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100017>

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos.** Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 34, p. 152-180, 2007.
<https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000100012>

TARDIF, Maurice, LESSARD, Claude; LAHAYE, Louise. Os professores face ao saber: Esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria e Educação.** Porto Alegre, n. 4, p.215-234, 2001.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.